

VI EIH C

Encontro Internacional de História Colonial

Mundos coloniais comparados: poder,
fronteiras e identidades.

Cidade da Bahia 12 a 15 de setembro de 2016

ANAIS ELETRÔNICOS

VI EIH C

Encontro Internacional de História Colonial

Mundos coloniais comparados: poder,
fronteiras e identidades.

Universidade do Estado da Bahia
Universidade Católica do Salvador
Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (UNEB)
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e
Desenvolvimento Social (UCSAL)

12 a 15 de setembro de 2016
Cidade da Bahia, Cabeça da América Portuguesa

ANAIS

ELETRÔNICOS

Salvador
EDUNEB
2017



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Reitor

José Bites de Carvalho

Vice-Reitora

Carla Liane N. dos Santos



Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Diretora

Sandra Regina Soares

Comitê Editorial

Arthur Gomes Dias Lima

Isaura Santana Fontes

Maria da Glória da Paz

Marcus de Almeida Gomes

Sandra Regina Soares

Suplentes

Paulo César Garcia

Emanuel do Rosário Santos Nonato

Ana Paula Silva da Conceição

Ivan Luiz Novaes

Ricardo Baroud

**VI ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL
MUNDOS COLONIAIS COMPARADOS: PODER, FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

COMISSÃO EXECUTIVA

Ana Paula Medici (UFBA)
Eduardo José Santos Borges (UNEB)
Maria Helena Ochi Flexor (UCSal)
Suzana Maria de Sousa Santos Severs (UNEB)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Denise de Carvalho Zotollo
Eduardo José Santos Borges (UNEB)
Maria Helena Ochi Flexor (UCSAL)
Moisés Amado Frutuoso
Suzana Maria de Sousa Santos Severs (UNEB)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adriana Dantas Reis (UEFS)
Ângela Domingues (IICT - Lisboa)
Avanete Pereira Souza (UESB)
Eduardo França Paiva (UFMG)
Eduardo José Santos Borges (UNEB)
Eliane Cristina Deckmann Fleck (UNISINOS)
Fabiano Vilaça dos Santos (UERJ)
George Felix Cabral de Souza (UFPE)
Gian Carlo de Melo e Silva (UFAL)
Marcia Eliane Alves de Souza e Mello (UFAM)
Marco Antonio Nunes da Silva (UFRB)
Maria Emília Monteiro Porto (UFRN)
Maria Helena Ochi Flexor (UCSAL)
Maria Hilda Baqueiro Paraíso (UFBA)
Maria José Rapassi Mascarenhas (UFBA)
Patrícia A. Fogelman (CONICET-UBA - UNLu, Argentina)
Suely Creusa Cordeiro de Almeida (UFRPE)
Suzana Maria de Sousa Santos Severs (UNEB)

© 2017 VI Encontro Internacional de História Colonial
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida
ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.

Organização e Revisão
Eduardo José Santos Borges
Maria Helena Ochi Flexor
Suzana Maria de Sousa Santos Severs

Projeto gráfico, editoração e marca do evento

Moisés Amado Frutuoso

Observação: a adequação técnico-linguística dos textos, bem como seus conteúdos,
são de responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA - Sistema de Bibliotecas da UNEB

Encontro Internacional de História Colonial Cidade da Bahia: mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades (6: 2016: Salvador) Anais Eletrônicos [do] 6. Encontro Internacional de História Colonial: mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades. – Salvador: EDUNEB, 2017.
2016 p.

ISBN 978-85-85813-318-5

1. História – Colônias. 2. Imperialismo. 3. Colonização. I. Título.

CDD: 906.3

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 - Cabula
41150-000 - Salvador - BA
editora@listas.uneb.br
www.uneb.br

Esta Editora é filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias



A cartografia e a iconografia da batalha do Comandatuba e do cerco de Porto Calvo em 1637 – subsídios para pesquisas de localização dos componentes da estrutura de defesa e ataque

Levy Pereira
Colaborador do LHS/UnB

Introdução

A batalha e cerco de Porto Calvo¹, em 1637, decisiva para completar e coroar a conquista da Capitania de Pernambuco, e o primeiro triunfo de Johan Mauritz van Nassau-Siegen², encetada apenas 25 dias após sua chegada ao Brasil³, estabelece o marco inicial da fase áurea da presença neerlandesa no Brasil. Trata-se de batalha terrestre de grandes proporções, envolvendo quantidade de tropas e meios equivalentes às Batalhas dos Guararapes, no entanto, relativamente pouco estudada e, por decorrência, com suas lições pouco aproveitadas.

A bibliografia neerlandesa e portuguesa trata extensamente esse episódio de 1637, mas constata-se que somente a cartografia e a iconografia neerlandesa o documentam, com títulos e notas explicativas em neerlandês arcaico, latim, francês, etc. E, possivelmente, por essa razão, pouco se tenha resgatado da materialidade desse evento. A abordagem na literatura reflete comprovado viés, todavia, e felizmente, as vistas e mapas estão relativamente menos comprometidos, face aos requisitos de fidelidade à imagem nas vistas e ao rigor técnico da cartografia neerlandesa, o que possibilita propostas de identificação e localização correta ou com alto grau de probabilidade de locais e estruturas relacionados a esses eventos em Porto Calvo e arredores, bens históricos há muito destruídos, reutilizados ou simplesmente abandonados e esquecidos.

Comprovou-se isto, por exemplo, na iniciativa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Superintendência em Alagoas (IPHAN/AL) para o estudo do potencial histórico do Vale do Rio Manguaba, realizado em 2014 por Marcos Albuquerque,

¹ Porto Calvo atualmente é cidade e sede de município com esse mesmo nome no Estado de Alagoas. Teve vários nomes históricos, entre os quais, os citados neste estudo: Povoação de Porto Calvo e Vila do Bom Sucesso.

² Conhecido com o nome aportuguesado para João Maurício, Conde de Nassau.

³ BARLÉU, Gaspar: **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, Brasil, 1940, p. 34.

BARLÆI, Casparis: **Rervm per octennivm in Brasilia** [Et alibi nuper gestarum, sub Præfectura Illustrissimi Comitiss I. Mavritii, Nassoviæ, &c. Comitiss ... Historia]. Ex Typographeio Ioannis Blaev, Amstelodami, 1647 [MDCXLVII]. [Exemplar com pranchas aquareladas: [Biblioteca Nacional Digital - Brasil](#)].

Veleda Lucena e Doris Walmsley, focando na caracterização dos bens legalmente protegidos, no diagnóstico dos bens arqueológicos buscados com base na produção acadêmica e no diagnóstico do Patrimônio Arqueológico na área de abrangência, que alcançou muitos bons resultados, entre eles, a localização do Forte da Povoação, dos dois redutos construídos pelo Conde de Banholo, no morro de Amador Alvarez e no morro vizinho, das obras inacabadas do Forte Bass, na ilha na conjunção dos Rios Manguaba e Comandatuba, e a da casa de campo de Frei Manoel Calado⁴.

O escopo e as fontes de consulta

Objetiva-se, neste estudo, contribuir com mais informações para aprimorar a localização das estruturas de defesa e ataque da Batalha de Porto Calvo em 1637, analisando fontes cartográficas e iconográficas. Optou-se, para melhor caracterização desse evento histórico, tratar separadamente a batalha travada em 18 de fevereiro às margens do Rio Comandatuba, cuja vitória permitiu aos neerlandeses avançarem até a base principal das tropas ibero-brasileiras em Pernambuco, e a sitiarem, nominando-a, neste estudo, de *Batalha do Comandatuba*, distinguindo-a da batalha de cerco, ou sítio da Vila de Porto Calvo, iniciada em 19 de fevereiro a terminada em 3 de março, chamando-a de *Cerco de Porto Calvo*. Tal distinção se conforma com o enfoque constatado na literatura e na iconografia neerlandesa.

A metodologia da abordagem, neste estudo, consiste em selecionar e analisar as fontes históricas primárias e secundárias para, em seguida, montar mapas no Google Earth⁵ indicando bens arqueológicos que já estão localizados e propondo a localização probabilística dos demais.

A documentação descrevendo a região do entorno e a própria Vila do Bom Sucesso de Porto Calvo, e relatando os combates, é farta na documentação histórica, e por praticidade, pondera-se considerar suficientes os livros, resguardadas as contradições, de Gaspar Barléu⁶, Frei Manoel Calado⁷, Duarte Albuquerque Coelho⁸, Francisco de Brito Fre-

⁴ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. Pesquisa arqueológica sobre a ocupação holandesa na bacia do rio Manguaba, municípios de Porto de Pedras e Porto Calvo, Estado de Alagoas [Diagnóstico e Avaliação do Potencial arqueológico da área - Da Cartografia à Materialidade]. Relatório Final. **Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional - IPHAN/AL**. [Processo N° 01403.000041/2011-97]. Setembro de 2014.

⁵ Google Earth é um software GIS – Geographical Information System, *copyright* da Google Inc., 1600 Amphitheatre Parkway, Mountain View, CA 94043, Estados Unidos.

⁶ BARLÉU, Op. Cit., incluindo-se a planta do *Cerco de Porto Calvo — PORTUS CALVUS —* Prancha 7, fol. ante p. 37 e as vistas *Batalha de Porto Calvo — PRÆLIUM PROPE PORTUM CALVUM —* Prancha 6, fol. ante p. 37, e *O cerco de Porto Calvo — OBSIDIO ET EXPUGNATIO PORTUS CALVI —* Prancha 8, fol. ante pag. 39.

⁷ CALADO, Frei Manoel: **O Valeroso Lucideno**, [editio princeps 1648], Volume 1, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte (MG), Editora da Universidade de São Paulo, Brasil, 1987. Download *editio princeps*.

⁸ COELHO, Duarte de Albuquerque: **Memorias diarias de la guerra del Brasil**, [por discurso de nveve años, empeçando desde el de M. DC. XXX], Madrid, por Diego Diaz de la Carrera, Impresor del Reyno, año 1654.

yre⁹, Pieter Marinus Netscher¹⁰ e Francisco Adolfo de Varnhagen¹¹, o mapa *Brasilia qua parte paret Belgis*, de Jorge Marcgrave¹², o esquema do folheto *Auctentijck Verhael van de Belengheringhe ende veroveringhe van Porto Calvo*¹³, os desenhos e gravuras de autoria de Frans Post¹⁴, o relatório de Marcos Albuquerque, Veleda Lucena e Doris Walmsley acima citado, e os mapas, plantas e vistas dos Atlas Vingboons¹⁵, e o inserido na obra de Barléu.

A localização correta e probabilística das vias de acesso, e de vários acidentes geográficos, têm como fontes de referência o relatório *Pesquisa arqueológica sobre a ocupação holandesa na bacia do rio Manguaba*¹⁶ e o *Georreferenciamento do mapa Brasilia qua parte paret Belgis*, deste autor¹⁷, aplicativo suportado pelo Google Earth. A metodologia utilizada para ubicar corretamente ou probabilisticamente os elementos de interesse histórico da Batalha do Comandatuba (Tabela 3) e do Cerco de Porto Calvo (Tabela 11), representando-os como marcadores, caminhos e polígonos no aplicativo Google Earth, encontra-se explanada na apresentação *O georreferenciamento do mapa BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS — uma ferramenta prática para estudos do Brasil Holandês*¹⁸ e em outros textos deste autor.

⁹ FREYRE, Francisco de Brito: **Nova Lusitania. Historia da gverra brasílica**. Officina de Joam Galram, Lisboa, Portugal, 1675.

¹⁰ NETSCHER, Pieter Marinus: **Os holandeses no brasil: notícia histórica dos Países-Baixos e do Brasil no século XVII**. [Tradução de Mário Sette]. Companhia Editora Nacional, São Paulo, Brasil, 1942. [*editio princeps*, em francês, 1853].

¹¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo [Barão de Porto Seguro]: **Historia das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 a 1654**. Typographia de Castro Irmão, Lisboa, Portugal, 1872.

¹² MARGGRAPHIUS, Georgius: [Mapa] **Brasilia qua parte paret Belgis**. Amstæledami, Ex Officina Ioannis Blaev, [c1o Io c XLVII], 1647. Technische Universität Darmstadt (ULB 03051_480), Darmstadt, Alemanha.

¹³ *Auctentijck Verhael van de Belengheringhe ende veroveringhe van Porto Calvo ...* [História resumida e autêntica do cerco e captura de Porto Calvo ...], [folheto, Ian van Hilten, livreiro], Amsterdam, Holanda, 27/6/1637. Scheepvaartmuseum, Amsterdam, Holanda. In: BROMMER, Bea; HEIJER, Henk den; et al: **Grote Atlas van de West-Indische Compagnie, Deel I: De Oude WIC, 1621-1674**, Uitgeverij Asia Maior/Atlas Maior, Voolburg/Den Haag, Netherlands, 2011, pg. 272-273.

¹⁴ LAGO, Pedro Corrêa; LAGO, Bia Corrêa: **FRANS POST. Obra completa**. Editora Capivara, Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2ª edição, 2009. [1ª edição: 2006], p. 382, 384-385, 404-405.

¹⁵ **ATLAS STOCH**. Österreichische Nationalbibliothek (ÖNB), Viena, Austria, AB 298(4).

ATLAS CRISTINA, [J. Vingboons fecit.], [circa 1654]. Biblioteca Apostólica Vaticana (BAV), Cidade do Vaticano, BAV Reg. Lat. 2106.

ATLAS VON KEULEN/ATLAS BOM, [J. Vingboons fecit.], [circa 1660-1665], [Folhas soltas]. Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHG), Recife (PE), Brasil.

ATLAS BEUDEKER, [J. Vingboons fecit.], [circa 1660-1665]. National Archives of the Netherlands (NL-HaNA), Den Haag, Netherland.

¹⁶ ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. Op. cit..

¹⁷ PEREIRA, Levy: **Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês de George Marcgrave, o BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS**. [edição 1.2 de 04/04/2016]. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa.

Disponível em BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa.

¹⁸ PEREIRA, L.: **O georreferenciamento do mapa BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS de Georg Marcgrave — uma ferramenta prática para estudos do Brasil Holandês**. In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL ARQUEOLOGIA DE ENGENHOS e I SEMINÁRIO ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL DE PERNAMBUCO. Recife: UFPE, 2015. Disponível em BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa.

A Batalha do Comandatuba nas fontes de informação

A localização precisa do local onde ocorreu a Batalha do Comandatuba travada em 18 de fevereiro de 1637, presentemente, ainda é desconhecida. Os principais parâmetros militares de caracterização dessa batalha, obtidos nas fontes de consulta bibliográficas citadas, foram resumidos na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1: Parâmetros de caracterização da Batalha do Comandatuba (1637).		
Data	18 de fevereiro de 1637.	
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Barléu: junto de um ribeiro distante do forte uma légua (Op. cit., p. 37). • Calado: margens do 'Rio Comendaituba' (p. 81) e ladeira de um monte (Op. cit., p. 82). • Coelho: ladeira do 'Otero, en que avia una casa de un morador, llamado Domingo Vaz Barcelos, un quarto de legua de la villa de Buen Sucesso', com os iberos-brasileiros num 'baxo, junto a un riachuelo adonde levantaron una trinchera, i estacada, en passo harto defensible, echando por los lados dos emboscadas'. e os neerlandeses 'en lo mas eminente del monte, junto a la casa de aquel morador que diximos. Tambem hizo su trinchera, com quatro piezas de campaña'. (Op. cit., p. 241d) • Netscher: 'numa garganta' (Op. cit., p. 154). 	
Exército	Neerlandês	Ibero-brasileiro
Comando	<ul style="list-style-type: none"> • Barléu: João Mauricio, Conde de Nassau (geral e da vanguarda); Sigismund von Schkoppe e Crestofle d'Artischau Arciszewski (ou Artchofsky), (retaguarda). (Op. cit., p. 37). 	<ul style="list-style-type: none"> • Calado: Giovanni Vincenzo di San Felice, o Conde de Banholo (geral); Tenente General Alonso Ximenes Almiron (na frente de batalha) com os Capitães Ascenso da Silva, João Lopes Barbalho, Francisco Rebelo, Manuel de Sousa de Abreu, Dom Antônio Felipe Camarão e Henrique Dias (Op. cit., p. 81).
Efetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Nassau: 'Mes troupes ordonnées pour l'armée consistant en trois milles soldats, mille matelots armés, mille Brasiiliens et une compagnie de cavallerie de 80 chevaux, avec lesquels je meneray quatre demi canons e six petites pièces. L'admiral avec 24 vaisseaux de guerre m'accostera tout le long de la Cüste.'. (passim Netscher, Op. cit., p. 153). • Barléu: 3.500 homens das tropas regulares (pg 35). Juntam-se na Barra Grande a 300 infantes holandeses, oitocentos soldados de mar e seiscentos brasileiros, e uma companhia equestre (Op. cit., p. 36) • Coelho: efetivos, 5.500 infantes e 500 índios e negros (pg. 240d); artilharia, 'quatro piezas de campaña' (pg 241e); cavalaria, 'una compañía de cinquenta arcabuceros a caballo' (Op. cit., p. 242e) • Netscher: 'total de 4.400 homens. Esse corpo de exército compunha-se de 3.000 soldados holandeses, 800 marinheiros armados, 600 indígenas e várias peças de artilharia.' (Op. cit., p. 154) 	<ul style="list-style-type: none"> • Nassau: 'Le conte Banjolo, général de leurs troupes, se tient a present avec quatre mille hommes près du porto calvo place fortifiée.' (passim Netscher, Op. cit., p. 153). • Barléu: 4000 soldados, além dos índios, negros e Portugueses (moradores). Estima 2.000 combatentes postados na passagem do rio (Op. cit., p. 37). • Coelho: 'Teniente General Alonso Ximenez de Almiron, con quinientos hombres, i el Capitan mayor de los Indios don Antonio Felipe Camaron, que llevaría trecientos: i el Capitan Enrique Diaz, con sus ochenta Negros', e do 'Sargento mayor Martin Ferreyra, con trecientos hombres'. (Op. cit., p. 241e) • Netscher: 2.000 portugueses e índios (Op. cit., p. 154)
Baixas	<ul style="list-style-type: none"> • Barléu: 6 mortos, 36 feridos (Op. cit., p. 37). • Calado: muitos mortos e feridos (Op. cit., p. 82-83). • Netscher: 6 mortos, 45 feridos (Op. cit., p. 	<ul style="list-style-type: none"> • Barléu: 400 baixas, incluindo alguns mortos e prisioneiros eminentes (Op. cit., p. 38). • Calado: muitos mortos e feridos (Op. cit., p. 82-83). • Coelho: 40 degolados, 20 feridos. (pg 242e).

	155)	<p>Não cita a quantidade de aprisionados, mas deles, nomeia os Capitães Manuel de Sousa i Abreu e Baltasar de Rocha Pita, a don Bartolomè de Roxas, e o Ajudante Ioseph Castaño. (Op. cit., p. 242d).</p> <p>• <i>Netscher</i>: não cita.</p>
--	------	---

Quanto ao local onde essa batalha ocorreu, este ainda não está identificado pela arqueologia, e propor uma localização probabilística para ele e para as paliçadas, acampamentos, etc., é um dos resultados do presente estudo. As fontes bibliográficas citam que a batalha ocorreu às margens de um riacho, identificado positivamente por Frei Manoel Calado como o Rio Comandatuba, tributário da margem esquerda do Rio Manguaba, cortado pelo caminho de acesso a Porto Calvo distando entre $\frac{1}{4}$ a uma légua dessa Vila. Sem saber ao certo qual caminho, e mesmo com a informação de que a passagem pelo riacho se situava vizinha a um morro onde havia a casa do morador Domingo Vaz Barcelos, isso ainda não aglutina dados suficientes para uma resposta precisa — toda essa região é montuosa e esse morador há muito tempo está olvidado pela tradição oral.

Selecionou-se como a melhor fonte cartográfica do campo de batalha o pequeno mapa conhecido como *Planta da Batalha do Comandatuba* (Imagem 2)¹⁹, inserido no *Caerte Waer in afgebeelt wort de Belegeringe van Pouazon in Porto Calvo* [Mapa mostrando o cerco da Povoação em Porto Calvo], do Atlas Stoch (Imagem 6), do qual há cópias. Riquíssimos em detalhes, tais como a atuação e disposição das forças envolvidas, etc., paradoxalmente, não permitem situar esse campo de batalha em relação à Vila do Bonsucesso de Porto Calvo. Os desenhados por Gondreville, pela melhor qualidade dos detalhes, por estarem datados de 1637, e terem autor identificado, também possibilitam a admissão de que eles, ou seus originais, sejam a fonte para as reproduções no Atlas Bom (Imagem 5)²⁰, no Atlas Cristina (Imagem 6)²¹, e para o mapa do Cerco de Porto Calvo (Imagem 12), inserido no *Rerum per octennium*²², que difere das outras versões por não ter o pequeno mapa da Batalha do Comandatuba nele inserido.

A cartografia regional e a iconografia trazem boas contribuições para a localização do campo dessa batalha. O mapa *Capitania de Pharnambocqve*²³ dos Atlas Vingboons assina-

¹⁹ [Planta] Dēē]e w̄yst Aēn hoē Zyn Ex^{ti} Graeff Mourits van Nassouw 's daegste vooren gelogēert was ēer hy tēegens den vyant Conte dē Bangiolle¹⁹. In: [mapa auxiliar inserido na parte inferior do mapa] *Caerte Waer in afgebeelt wort de Belegeringe van Pouazon in Porto Calvo*, [oo ghetaen door Graeff Joan Mourits van Nassauw, Pierre Gondreville, 1637. Atlas Stoch, Österreichische Nationalbibliothek (ÖNB), Viena, Austria, AB 298(4).

²⁰ [Planta do campo da Batalha do Comandatuba], [mapa auxiliar inserido na parte inferior do mapa] [*Plat-tegrond van Povaçon, Porto Calvo*]. Atlas Bom (IAHGP), fol. 17.

²¹ [Planta do campo da Batalha do Comandatuba] [mapa auxiliar inserido na parte inferior do mapa] [*Plat-tegrond van Povaçon, Porto Calvo*]. Atlas Cristina, BAV Reg. Lat. 2106-54 (sign. 65).

²² PORTUS CALVUS: Barléu (Op. cit, prancha 7, ante p. 37). Esse mapa é bastante difundido, mas, infelizmente, as outras versões, as que trazem o mapa auxiliar da Batalha do Comandatuba, são relativamente pouco conhecidas e estudadas, e por esse motivo estão extensamente explicitados neste texto.

²³ Mapa CAPITANIA DE PHARNAMBOCQVE.

• In: ATLAS CRISTINA, BAV Reg. Lat. 2106. Biblioteca Apostólica Vaticana. Cidade do Vaticano, fol. 38r.

la dois caminhos interligando o litoral a Porto Calvo, e que transpõem o rio Comandatuba próximo à vila, um, paralelo à margem esquerda do Rio Manguaba, entre a foz desse rio e a Vila, e o outro, mais curto, direto da Vila à Barra Grande. E esse caminho da Barra Grande chega à Vila numa situação semelhante ao do eixo do combate na vista da Batalha do Comandatuba, desenhada por Frans Post (Imagem 1).

Esses dois argumentos embasam a hipótese de que o caminho da Barra Grande é o caminho da marcha das tropas do Conde de Nassau, e, assim, no ponto onde este corta o rio Comandatuba, localiza-se o ponto focal dessa batalha, as paliçadas erguidas pelas forças ibero-brasileiras às suas margens, ou nas de um tributário. O georreferenciamento probabilístico desse caminho mostra que o eixo da batalha aponta para o flanco esquerdo do Forte, e isso combina com a situação desenhada na vista “olho de pássaro” do cerco e conquista de Porto Calvo do panfleto Blaeu²⁴ (Imagem 9), no qual se vê tropas marchando por um caminho até um entroncamento, onde, infletindo-se para a esquerda, percorre-se o trecho que se dirige ao Forte, após passar a vau pelo rio Comandatuba.

Por essa razão, e por outros indícios, admite-se que essa vista “olho de pássaro”, e as suas variantes das ilustrações de outros folhetos noticiando da vitória de Nassau, são boas ilustrações da situação e têm seus méritos, mas, quando comparadas com os mapas, percebe-se que não guardam muito rigor com rumos e escalas. E, observando-as com atenção, pode-se constatar algumas licenças artísticas na gravura do panfleto van Hilten²⁵ (Imagem 10).

A gravura *PRÆLIUM PROPE PORTUM CALVUM* (Imagem 1), desenhada em 1645 por Frans Post, retrata a Batalha do Comandatuba, mostrando detalhes do terreno, e por essa razão, está selecionada como fonte importante neste estudo.

Visando melhor compreensão das imagens utilizadas neste texto, cujos títulos e notas explicativas estão escritas em latim e neerlandês arcaico, insere-se, abaixo de todas elas, tabelas com as suas traduções, preciosa colaboração do professor Benjamin N. Teensma.

Imagem 1: Vista da Batalha do Comandatuba — <i>PRÆLIUM PROPE PORTUM CALVUM</i> , desenhada por Frans Post — Prancha 6 (Barléu, Op. cit., fol. ante pag. 37).
--

● In: [Folhas soltas do] **ATLAS VON KEULEN/ATLAS BOM**, IAHGP - Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife (PE), Brasil, fol. 40.

²⁴ Arciszewsky, Cristofel: Povaçon de Porto Calvo Obsessum & expugnatum / Beleggh em verovering van het Povaçon de Porto Calvo [Cerco e Conquista de Porto Calvo]. In: [panfleto] [Kort em Auctentick Verhael van het beleg en veroveren van Povaçon de Porto Calvo](#) [Descrição resumida e autêntica do Cerco e Conquista de Porto Calvo], [impresso por] Iohan Blaeu, Amsterdam, 1637. Atlas van Stolk, n. ref. 1794.

²⁵ [Arciszewsky, Cristofel] [atribuído]: [Vista do Cerco e Conquista de Porto Calvo]. In: [panfleto] *Auctentijck Verhael van de Belengheringhe ende veroveringhe van Porto Calvo*, Op. cit..

Este panfleto não mostra os caminhos que levam a Porto Calvo, tem texto diferente do panfleto de Blaeu, e ilustrações mais ricas e fantasiosas - nota-se uma ponte sobre o Comandatuba e belos coqueirais e uma cena de combate, presumivelmente a Batalha do Comandatuba, em local aparentemente inexato.



Tabela 2: Tradução do título e legendas da vista da Batalha do Comandatuba — *PRÆLIUM PROPE PORTUM CALVUM* — Prancha 6 (Barleus, Op. cit., fol. ante pag. 37).

Título / legenda		Tradução, por B. N. Teensma.
<i>PRÆLIUM PROPE PORTUM CALVUM</i>		A BATALHA DE PORTO CALVO
A.	<i>Fluvius.</i>	Rio.
B.	<i>Arborum firues ad fluvij ripam impediendo transitu.</i>	Uma pilha de troncos de árvores na margem do rio impedindo a passagem.
C.	<i>Agger castrensis hostium.</i>	A estacada dos inimigos.
D.	<i>Hostium agmina ex Brasilianis, Lusitanis et Nigritis.</i>	Bandos de inimigos compostos de Brasilianos, Portugueses e Africanos.
E.	<i>Brasiliani hostes.</i>	Inimigos Brasilianos.
F.	<i>Fuga hostium.</i>	A fuga dos inimigos.
1.	<i>Prætoria cohors Comitís.</i>	O corpo de guarda do Conde.
2.	<i>Sclopetarj.</i>	Escopeteiros.
3.	<i>Brasiliani ab utroque montis latere per sylvam abeuntes.</i>	Brasilianos avançando pela mata no lado dos montes.
4.	<i>Prima acies.</i>	A vanguarda.
5.	<i>Tribunus Artischotskyus [ou Artischotskius].</i>	O Coronel Artichofski.
6.	<i>Comes.</i>	O Conde.
7.	<i>Turma Equitum.</i>	Um grupo de cavalarianos.
8.	<i>Tormenta maiora.</i>	A bateria de canhões.
9.	<i>Prælium.</i>	O combate.
10.	<i>Exercitus.</i>	O exército.
11.	<i>Acies postrema admiraly et nautica plebs.</i>	A retaguarda com o Almirante e gente da marinha.
12.	<i>Castra nocturna Comitís.</i>	O acampamento de pernoite do Conde.

Imagem 2: Planta do campo da Batalha do Comandatuba, inserida na parte inferior direita da prancha [*Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo*] do Atlas Stoch (Imagem 8).

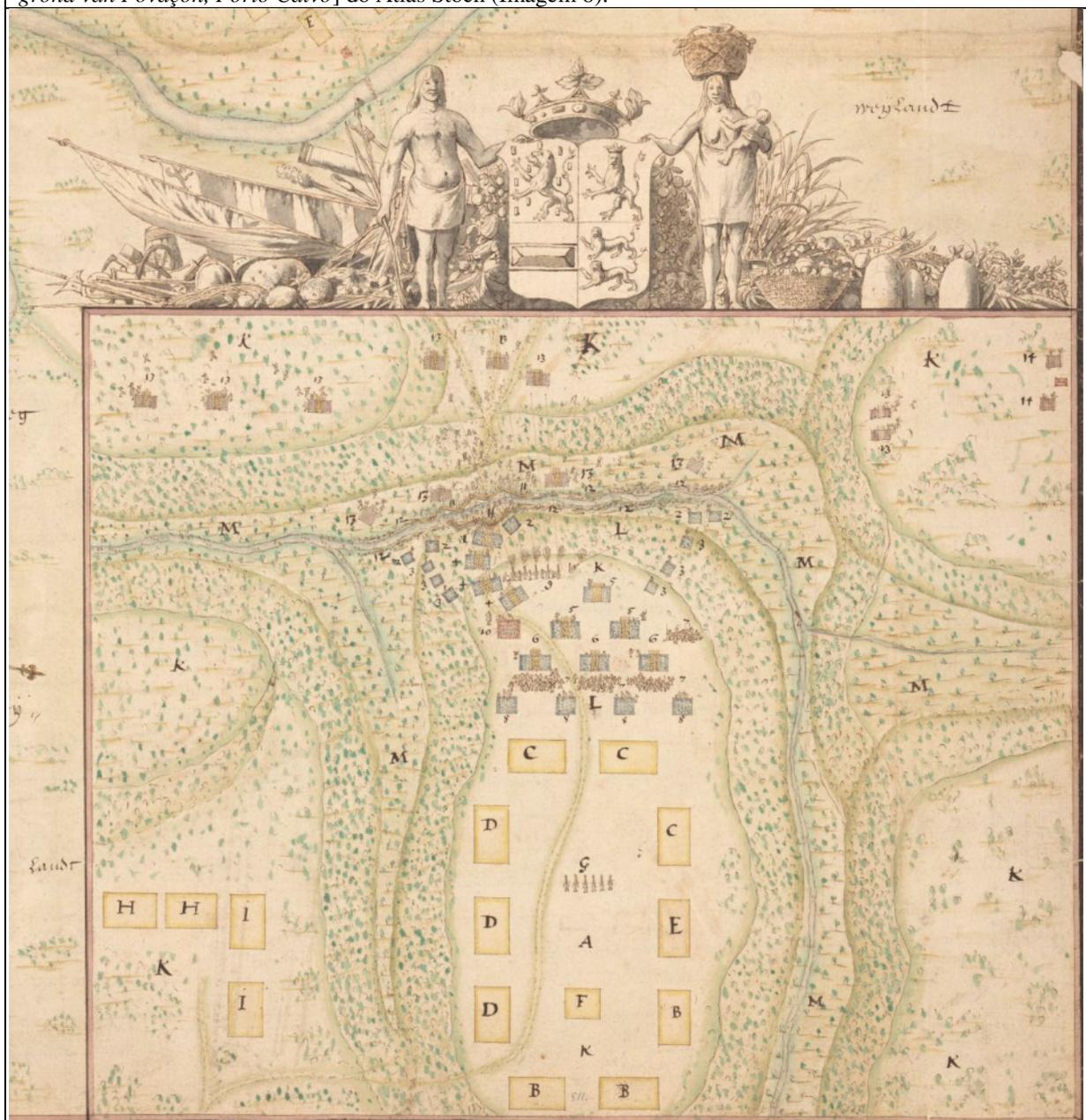


Tabela 3: Transcrição e tradução do título e das legendas da planta do campo da Batalha do Comandatuba (Imagens 2), inserida na prancha [<i>Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo</i>] do Atlas Stoch (Imagem 8).	
Transcrição	Tradução
Dit Caertien wýst aen het slaen túschen Sÿn excellentie / Graef Maurits van Nassau enðe Conte ðe Bangola / soo geschiet ðen 18 Febrúarÿ 1637	Este pequeno mapa mostra a batalha entre Sua Excelência / Conde de Nassau e o Conde Bagnuoli / como ela ocorreu em 18 de fevereiro de 1637
A. Het quártier van sÿn excell:	C
B. Regi: van ðe Góuverneúr Schop	Regimento do Governador Schop
C. Regi: van Colonel Artischofsky:	Regimento do Coronel Artischofsky
D. Dry Battalions Comm: Mo ^s : Koin	Três Batalhoes do Comandante Senhor Koin
E. garðe van Sÿn excel ^{tie}	Guarda de Sua Excelência
F. quar: van Sÿn excellentie	quartel de Sua Excelência
G. Veltstuckies	Pequenas peças de artilharia
H. Admirael met sÿn matroſen	O Almirante com seus marinheiros
I. Braſilianen	Brasílianos
K. hoogte 2	morro 2
L. form van slacht order	formação de combate
M. læegte 1	vale 1
1. De Garde	A Guarda
2. Vÿcr roers	Escopeteiros
3. Braſilianen	Brasílianos
4. Artschofskÿ	Artschofsky
5. Monsi: Koin	Senhor Koin
6. Góuverneúr Schop	Governador Schop
7. bagagi en amúnitie	bagagem e munição
8. Matrooſen	Marinheiros
9. Canon	Canhão
10. Rúiterÿ	Cavalaria
11. Dobbelt Trangement gepalisadert vanðen vÿant	Trincheira dupla com paliçada do inimigo
12. afgecapte boomen	obstáculo de troncos [de árvores]
13. het Vÿants Troup.	a tropa inimiga
14. Inwoonderſ	Moradores
Gedaen bÿ Mÿ Pierre Gondreville 1637.	Feito por mim Pierre Gondreville 1637

A planta do campo da Batalha do Comandatuba de Pierre Gondreville (Imagem 2) impressiona pela riqueza de detalhes: nele pode-se perceber claramente a disposição dos troncos colocados nos lados da paliçada e das baterias neerlandesas, a direção do tiro de cada canhão e da movimentação das tropas, e, muito importante para a ubiquação probabilística, o delineamento do contorno dos montes circundantes e dos leitos aparentes dos riachos.

Ao se examinar esse mapa, percebe-se que a posição e as estruturas de defesa das tropas ibero-brasileiras é improvisada e inadequada, consequência do rápido avanço dos neerlandeses, pois, ainda que possa estar sob os canhões do Forte, estes, possivelmente pela inclinação das encostas do monte onde se situava, pouco puderam fazer para apoiá-la²⁶, e o terreno à sua frente, onde se postou o corpo principal das tropas e a artilharia neerlandesas, é mais elevado, tem largura suficiente para se organizar o dispositivo das forças de combate e possibilita manobrar para flanquear as paliçadas. As pinças neerlandesas atacaram com escopeteiros na frente, seguidos dos brasílianos que os apoiavam, e a pinça

²⁶ Calado, Op. cit., Capítulo III, p. 82.

direita contava com um canhão da bateria apoiando-a com seus tiros, batendo tropas ibero-brasileiras nas encostas do morro no seu flanco direito

Contudo, quanto ao afastamento relativo do campo de batalha do local de acampamento das tropas neerlandesas, deve-se levar em conta de que pode haver algo inconsistente nesse mapa: se a paliçada estivesse nas margens do Comandatuba, ou nas de um afluente desse rio, o acampamento do pernoite deveria estar bem mais afastado do campo de batalha para não ser fustigado pelos canhões do Forte. Essa hipótese implica haver alguma distância entre o acampamento e a paliçada, o que permitiria entender o testemunho de Frei Manoel Calado de que “Veio o inimigo descendo do monte, e a nossa gente subindo, e encontrando-se no meio da ladeira, se começou a travar uma cruel batalha, aonde houve muitos mortos, e feridos de parte a parte”.

Imagem 3: Planta e quadro de legendas do campo da Batalha do Comandatuba, detalhe da prancha [Plattegrond van Poçaon, Porto Calvo] do Atlas Bom (IAHGP, fol. 17).

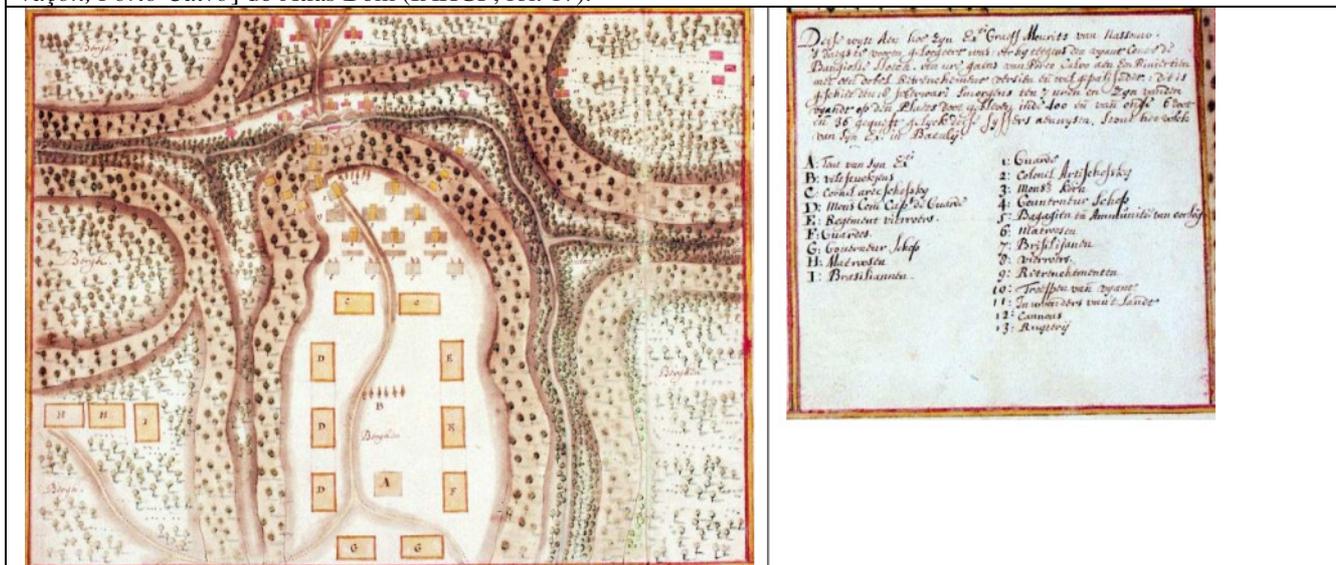


Imagem 4: Planta e quadro de legendas do campo da Batalha do Comandatuba, detalhe da prancha [Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo] do Atlas Cristina, BAV Reg.Lat. 2106-54 (sign. 65) — Imagem 5.

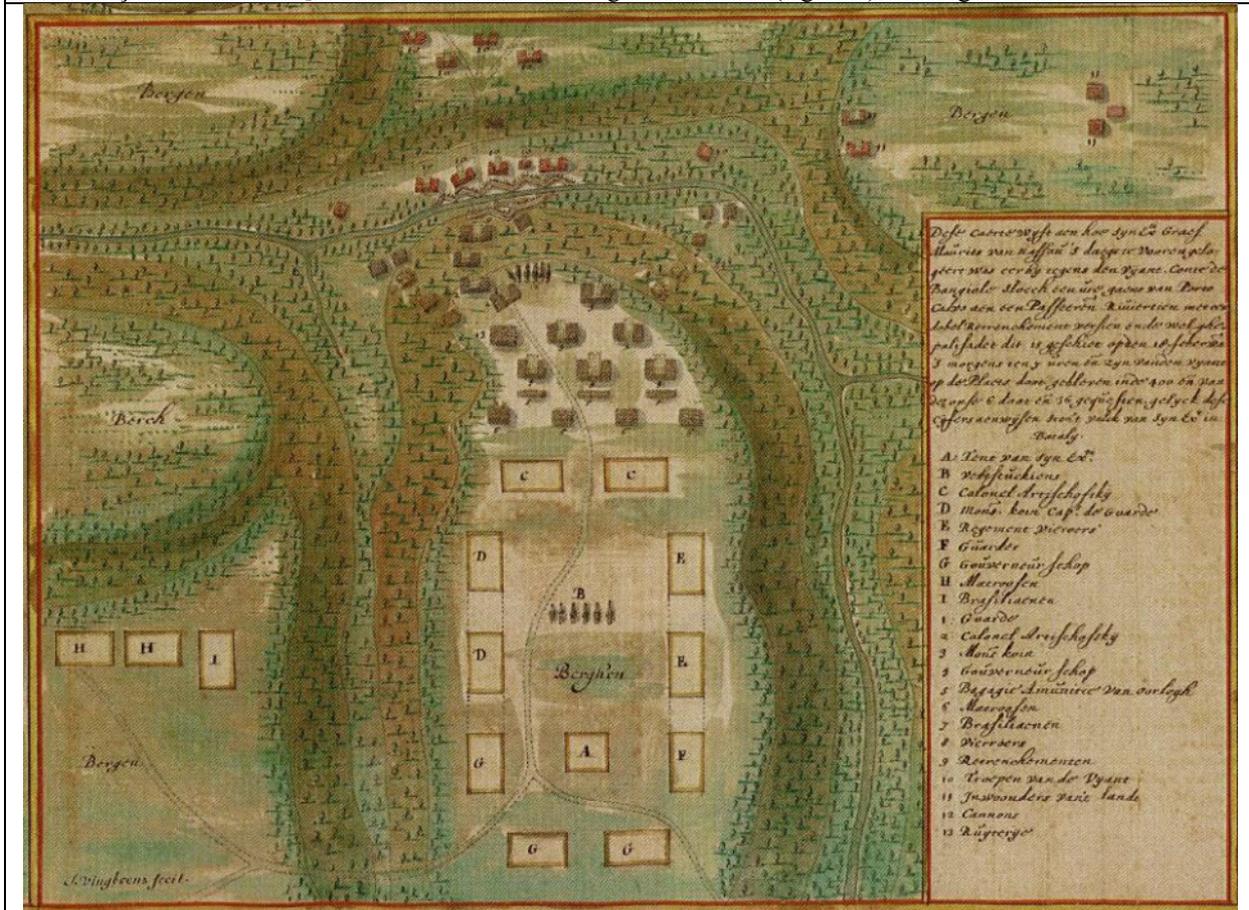


Tabela 4: Transcrição e tradução dos títulos e dos quadros de legendas da planta do campo da Batalha do Comandatuba, desenhados nas pranchas [Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo] do Atlas Bom (IAHGP) e do Atlas Cristina (BAV).

Van Keulen Atlas/Atlas Bom, IAHGP fol. 17.	Christina Atlas/Vaticaan Atlas, BAV Reg.Lat. 2106-54 (sign. 65).	TRADUÇÃO (B. N. Teensma):
Transcrição Deeje wyst Aen hoe Zyn Ex ^u Graeff Mourits van Nassouw 's daegste vooren gelogert was eer hy teegens den vyant Conte de Bangiolle. floech een ure gaens van Porto Calvo aen een Riuertien met een dobel retrenchement versien en welge palijadet : dit is gelchiet den 18 feberwari smorgens ten 7 uren en Zyn vanden vyandt op den Plaets doot gebleven inde 400 en van onde 6 door en 36 gequet gelyck deele jylffers aenwysen fton't het volck van Syn Ex' in Bataly.	Deje Caerte Wyft aen hoe Syn Ex ^u Graef Maürits van najlaü s daegste vooren gelogert was eer hy tegens den Vyant Conte de Bangiole sloech een ure gaens van Porto Calvo aen een Pajseerent Riuertien met een dobel retrenchement verjien ende welghepalijadet dit is gelchiet opden 18 feberwa~'s morgen ten 7 uren en zyn vanden vyant op de Plaets door en 36 gequeten gelyck deje cyfers aenwyjen ston 't volck van Syn Ex' in Bataly.	Este indica como Sua Excelência Conde Maurício de Nassau / esteve alojado no dia antes do encontro com o inimigo Conde de / Banholo, a uma hora de distância de Porto Calvo sobre um riacho / num reduto duplo e bem paliçado. Isso aconteceu a 18 de fevereiro às 7 horas da manhã; e morreram do inimigo no lugar uns 400, e dos nossos 6 mortos / e 36 feridos. Tal como esses cifras [letras e algarismos] indicam, esteve a gente de Sua Excelência na / batalha.
A: Tent van Syn Ex ^u	Tent van Syn Ex ^u .	Tenda de Sua Excelência
B: veltfückjens	velt fückjens	Pequenas peças de artilharia
C: Cornel artejchofsky	Colonel Artijchofský	Coronel Artichevsky
D: Mons Com Cap ^s de Guarde	Mons. Koin Cap ^s . de Guardē	Senhor Koin, Capitão da Guarda
E: Regemement vierroers.	Regemement Vierroers'	Regimento de escopeteiros
F: Guardes.	Güardēs	Guardas
G: Gouverneur fchop	Gouverneur fchop	Governador Schop
H: Matroosen	Matroojen	Marinheiros
I: Brasiliannen.	Brajiljaenen	Brasilianos
I: Guardē	Guardē	Guarda
2: Colonel Artijchofsky	Colonel Artijchofský	Coronel Artichevsky
3: Mons ^s Koin	Mons ^s Koin	Senhor Koin
4: Gounerneur fchop	Gouverneur fchop	Governador Schop
5: Bagagien en Ammunitie van corlog	Bagagie Amunitie van oorlogh	Bagagens e munições de guerra
6: Matroosen	Matroojen	Marinheiros
7: Brajilijanen	Brajiljaenen	Brasilianos
8: Vierroers.	Vierroers	Escopeteiros
9: Ritrenchementen	Ritrenchementen	Redutos
10: Troeppen van vyant'	Troeppen van de Vyant	Tropas do inimigo
11: In woonders van't landt'	Inwoonders van't landt	Habitantes da terra
12: Cannons	Cannons	Canhões
13: Ruyterij	Ruyterijē	Cavalaria

O cerco e conquista de Porto Calvo nas fontes de informação

A batalha de cerco e conquista de Porto Calvo, travada entre 19 de fevereiro e 3 de março de 1637, tem como característica única, entre as dezenas de batalhas ocorridas durante o Domínio Holandês no Brasil, ter sido travada segundo os preceitos clássicos de cerco preconizados pelos manuais militares da época¹, diferindo das táticas costumeiras da guerra brasileira.

Deve-se levar em conta que os soldados pernambucanos, os brasileiros de Dom Filipe Camarão e os afro-brasileiros de Henrique Dias haviam se retirado para as Alagoas, e os brasileiros que apoiavam os neerlandeses praticamente não participaram do assalto ao Forte. Assim, o cerco comportou-se como uma batalha nos campos da Europa, entre tropas europeias, à moda europeia, e com táticas e regras de conduta das guerras de sítio europeias, conforme se pode deduzir das narrativas de Gaspar Barléu, Duarte Coelho e Frei Calado, fonte da maioria dos parâmetros militares que a caracteriza (Tabela 5).

Data	19 de fevereiro a 3 de março de 1637 (fontes neerlandesas) ou 5 ou 7 de março (fontes ibéricas).	
Local	Vila do Bonsucesso de Porto Calvo	
Força combatente	Neerlandesa	Ibero-brasileira
Comandantes	<ul style="list-style-type: none"> • Geral: João Mauricio, Conde de Nassau. • Dos acantonamentos: João Mauricio; Sigismund van Schkoppe, Crestofle d'Artichau Arciszewski (ou Artchofsky) e Jan Corneliszoon Lichthardt (ou Lichthart). 	<ul style="list-style-type: none"> • Miguel Gilberton, Tenente General de Artilharia.
Efetivos	<p>Infantaria & Cavalaria:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os efetivos da Batalha do Comandatuba, menos suas poucas baixas. <p>Artilharia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As peças de empregadas na Batalha do Comandatuba, as 3 capturadas no Reduto do Conde de Banholo e as peças trazidas pelo rio; • Brito Freyre: 4 baterias, 17 peças (Op. cit. p. 401) 	<ul style="list-style-type: none"> • Barleus: não cita. • Calado: 3 capitães com 300 soldados (Op. cit. p. 81). • Albuquerque: ‘Miguel Gilberton, Teniente General de la Artilleria, i soldado de valor, i experimentado, dándole 300. hombres, com los enfermos’ (Op. cit. p. 240e).
Baixas	<ul style="list-style-type: none"> • Barleus: mortos, alguns soldados rasos e oficiais, entre os quais identifica a Carlos de Nassau e ao capitão João Tallebon (Op. cit. p. 39). • Albuquerque: mais de 150 homens, presumivelmente mortos ou feridos (Op. cit. p. 246d). Nomeia entre os mortos, a Enrique de Nasau e o capitão Deunque Carlo (Op. cit. p. 244d). 	<ul style="list-style-type: none"> • Barleus: capturados e enviados para a Ilha Terceira, nos Açores: Miguel Gilberton, oito capitães, sete alferes, quinhentos soldados, entre italianos, portugueses e espanhóis, além dos enfermos e feridos (Op. cit. p. 40). • Albuquerque: toda a guarnição capturada e enviada para Barra Grande, de onde foram levadas ao Recife e de lá embarcada para as Índias (Op. cit. p.

¹ Vide, por exemplo, Ufano, Diego: TRATADO DE LA ARTILLERIA [y vso dela platicado por el Capitan Diego Ufano em las Guerras de Flandes]. Ivan Momarte [impresor ivrado], Brusselas, [Bélgica], 1613. ([Download](#)).

		<p>246e-246d)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Netscher: cita a rendição e aprisionamento da guarnição do Forte, composta de 500 homens (Op. cit. p.88). • Varnhagen: rendem-se 8 capitães, 300 soldados espanhóis, 110 napolitanos, sem contar os doentes e feridos. (Op. cit. Livro Quinto, p. 169)
Despojos de guerra	<ul style="list-style-type: none"> • Barleus: o Forte, 22 peças de bronze, 5 de ferro, 4 morteiros, grande quantidade de granadas e de balas de ferro, morrões e outros petrechos bélicos e todo o arsenal do rei ali existente (Op. cit. p. 39). • Albuquerque: ‘<i>entrò el enemigo en el Fuerte, en que no hallò las haciendas que imaginava: lo mas fue la artilleria, i municiones. Los barriles de polvora excediã de quinientos de a cien libras, ...</i>’ (Op. cit. p. 246e). • Netscher: ‘<i>Consistiram em 27 peças, 4 morteiros e 500 toneladas de pólvora os despojos encontrados em Porto Calvo</i>’ (Op. cit. p. 155) • Varnhagen: ‘<i>Com a rendição do forte adquiriu o inimigo sete bandeiras, vinte e dois belos canhões de bronze, além de outros de ferro, quatro grandes morteiros e muitas munições, incluindo 500 toneladas de pólvora ...</i>’ (Op. cit. Livro Quinto, p. 169). <p>Observação: 1 barril com 100 libras de pólvora contém 45,4 Kg de pólvora, e 500 desses barris armazenam cerca de 22.700 Kg de pólvora, 22,7 toneladas métricas, bom valor de referência, apesar da incerteza do valor de conversão da unidade de medida de peso arcaica, a libra.</p> <p>Note-se que alguns autores transmutaram 500 barris em 500 toneladas, constatação do risco de se confiar somente em fontes secundárias.</p>	

A iconografia da batalha de cerco e conquista de Porto Calvo selecionada para este estudo consiste na gravura *OBSIDIO & EXPUGNATIO PORTUS CALVI* de Frans Post (Imagem 5) e as já citadas e comentadas vistas “olho de pássaro” dos panfletos Blaeu e van Hilten (Imagens 9 e 10).

E na cartografia, seleciona-se como paradigma do traçado técnico a Planta do Cerco de Porto Calvo [*Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo*] do Atlas Stoch (imagem 6). Todavia, considerando-se que na comparação do conjunto de mapas que representam este cerco² constata-se haver em cada um deles algumas informações adicionais, ou omissões e pequenas diferenças de traçado, optou-se por identifica-las e acrescentar as omissões à relação de elementos de interesse histórico coletados no mapa do Atlas Stoch.

² Os mapas dos Atlas Vingboons (Stoch, Cristina e Bom) e a planta *Portus Calvus*, inserida no *Rerum per Octennium* (Op. cit.).

Imagem 5: Vista do cerco de Porto Calvo [*OBSIDIO & EXPUGNATIO PORTUS CALVI*] — Prancha 8 (Barléu, Op. cit., fol. ante pag. 39).



Tabela 6: Tradução do título e das legendas da vista do cerco de Porto Calvo [<i>OBSIDIO & EXPUGNATIO PORTUS CALVI</i>] (Imagem 5).	
Título / legenda	Tradução, por B. N. Teensma
	OBSIDIO ET EXPUGNATIO PORTUS CALVI.
A.	<i>Castrum Povacon.</i> A Fortaleza da Povoação.
B.	<i>Vrbs.</i> A Vila.
C.	<i>Basilica.</i> A igreja.
D.	<i>Accessus Comitis ad urbem.</i> O caminho do Conde.
E.	<i>Suggestus tormentarius.</i> A bateria.
F.	<i>Statio Comitis.</i> O quartel do Conde.
G.	<i>Suggestus torm. gubernatoris Scoppÿ.</i> A bateria do Governador Von Schoppe.
H.	<i>Suggestus torm. Admiralÿ Lichtartÿ.</i> A bateria do Almirante Lichtart.
I.	<i>Castella duo hosti derelict.</i> Dois redutos abandonados pelo inimigo.

Imagem 6: Planta do Cerco de Porto Calvo do ATLAS STOCH [*Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo*], com o inserto da planta da Batalha do Comandatuba na parte inferior direita. O quadro de legendas do lado direito refere-se ao Cerco e o da direita, à Batalha do Comandatuba.

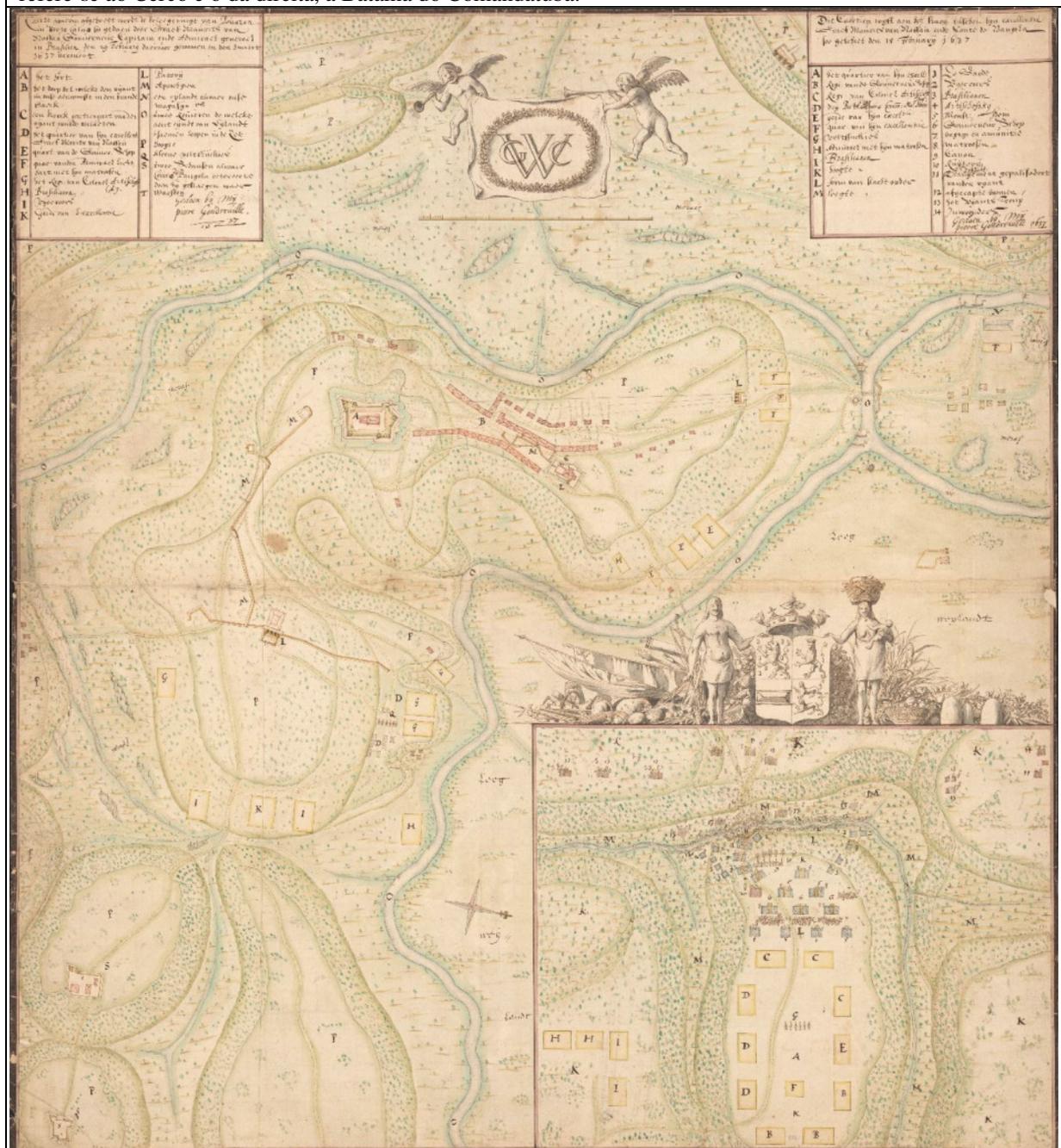


Tabela 7: Tradução do título e do quadro de legendas do mapa do Cerco de Porto Calvo [*Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo*] do ATLAS STOCH (Imagem 6).

Transcrição (revisada por B. N. Teensma)		Tradução (B. N. Teensma)	
Caerte waerin afgebeelt wordt de beleegeringe van Povaçon / in Porto Calúo sóo gedaen door Graef Maurits van / Nassau, Gouéerneúr Capitain ende Admirael Generael / in Brasilien den 18 Febrúary daerúoor gecoomen en den 3 maert / 1637 verouert.		Mapa mostrando o cerco da Povação / em Porto Calvo como foi feito pelo Conde Maurício de / Nassau, Capitão Governador e Almirante General / no Brasil [que] chegou no local em 18 de fevereiro e capturou [a vila] em 3 de março de / 1637.	
A.	Het Fort.	O Forte.	
B.	Het dorp het welcke den vijant in onse a-	A vila incendiada pelo inimigo durante a nossa che-	

	ncomste in <i>den branðt staeck.</i>	gada.
C.	Èen kerck, gerechangeert van <i>den vÿant wúrðe verlaeten.</i>	Uma igreja fortificada e abandonada pelo inimigo.
D.	Het quartier van sÿn excellent:[ie] Graef Morits van Nassau.	O quartel de Sua Excelência Conde Maurício de Nassau.
E.	quart:[ier] van <i>de Góuver:[neur] Schop.</i>	Quartel do Governador Schop.
F.	quar:[tier] van <i>den Admirael Lichthart met sÿn matroosen.</i>	Quartel do Almirante Lichthart e de seus marinheiros.
G.	Het Regi:[ment] van Colonel Artischofsky.	O Regimento do Coronel Artischofsky.
H.	Brasilianen.	Brasilianos.
I.	Vÿer roers.	Escopeteiros.
K.	Garde van S. excellentie.	Guarda de Sua Excelência.
L.	Paterÿ.	Bateria.
M.	Aprochgien.	Aproches.
N.	Èen eÿlanðt alwaer onse magazÿn is.	Uma ilha onde está nosso armazém.
O.	Twæ Reuieren <i>de welcke aent einðt van Eÿlanðt tsaemen loopen in de Zee.</i>	Dois rios que se juntam detrás da ilha [no seu curso] ao mar.
P.	Hoogte.	Morro.
Q.	Kleene veltstúckies.	Pequenas peças de campanha.
S.	Twæ Schansen alwaer Conta <i>de Bangola retereerte doen hÿ geslaegen waer.</i>	Dois redutos aonde o Conde de Bagnuoli se retirou depois de ser vencido.
T.	Wachten.	Guarita.
	Gedaen by Mÿ Pieere Gondreuille, 1637.	Feito por mim Pierre Gondreville, 1637.
	Læeg	Planície
	moras	atoleiro
	wey lanðt	prados

Merece especial atenção no mapa do Cerco de Porto Calvo [*Plattegrond van Povocon, Porto Calvo*] do Atlas Stoch (Imagem 6) os detalhes tecnicamente esmerados da planta do Forte da Povoação (assinalado com a letra A no mapa), da igreja nova (C), das baterias (L), dos aproches³ (M), do arruado da vila e disposição das casas (B) e das guaritas (T). Alguns detalhes estão omitidos nos mapas do Atlas Cristina e do Atlas Bom (Imagem 7), neste em menor grau, e ambos mostram o arruado do lado direito da igreja nova sem a passagem para a rua paralela ao Comandatuba (rua de baixo), o que se presume ser uma falha, uma vez que a prancha PORTUS CALVUS⁴ também mostra essa passagem de ligação entre elas.

Constata-se que há três baterias assinaladas nesses mapas capazes de bater o Forte, e mais uma bateria de pequenas peças de campanha (Q no mapa de Gondreville) que defendiam o quartel-general de Nassau. Isso conforma com Brito Freyre, que cita operarem quatro baterias com dezessete peças⁵ neste Cerco. Nota-se, ainda, a relativa pobreza de detalhes da prancha PORTUS CALVUS (Imagem 8), contrabalançada, por uma característica única, a de representar geograficamente uma área mais extensa, com mais detalhes de caminhos na margem esquerda do Comandatuba. Finalmente, nota-se que os mapas do

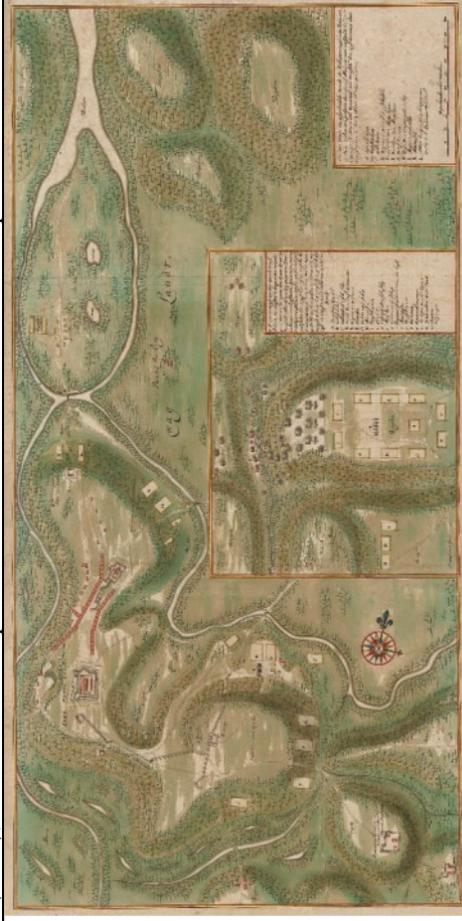
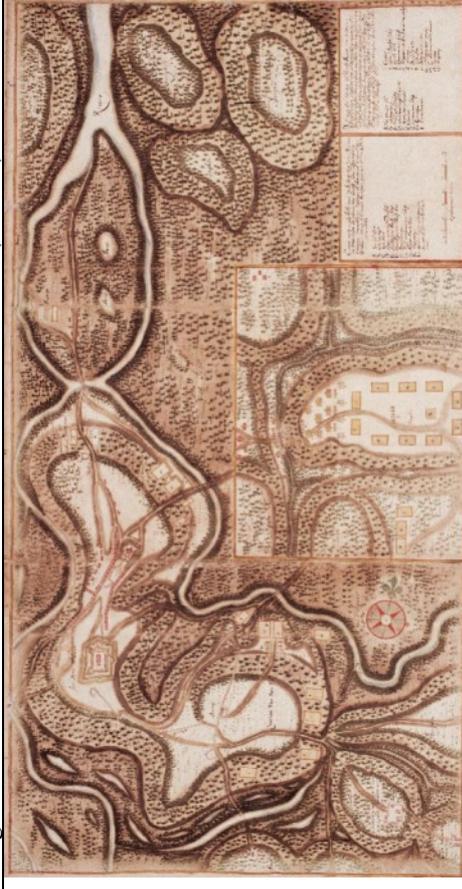
³ Aproches: s. m. pl. || (mil.) trabalhos de trincheira em ziguezague para o exército sitiante se aproximar da praça sitiada a abrigo dos tiros dos defensores. F. fr. *Approches* (mesma significação). Dicionário Caldas Aulete.

⁴ Barléu, Op. cit., fol. ante pag. 37.

⁵ Op. cit. p. 401.

Atlas Bom e do Atlas Cristina têm mais notas explicativas escritas diretamente no corpo do mapa, o que demonstra o valor sinérgico do conjunto.

Imagem 7: Plantas do Cerco de Porto Calvo do Atlas Bom (IAHGP) e do Atlas Cristina (BAV), com o inserto da planta da Batalha do Comandantuba na parte inferior.



[Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo] — Van Keulen Atlas/Atlas Bom, IAHGP 17.

[Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo], Christina Atlas, BAV Reg.Lat. 2106-54 (sign. 65).

Tabela 8: Tradução dos títulos e dos quadros de legendas da planta do cerco de Porto Calvo nas pranchas [Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo] do Atlas Bom (IAHGP) e do Atlas Cristina(BAV) — Imagem 7.

	Van Keulen Atlas/Atlas Bom, IAHGP 17.	Christina Atlas/Vaticano Atlas, BAV Reg.Lat. 2106-54 (sign. 65).	TRADUÇÃO (B. N. Teenisma):
	Caerte Waer in afgebeelt wort de Belageringe van Pouazon in Porto Calvo, loo ghetaen door Graeff Joan Mourits van Nassauw Gouverneur Capiteyn en Admiraal Generael van Brasilien den 19 feberwart daer voor gecomen en den 3 Maert ... verouuert.	Caerte Waer in afgebeeldt wordt de Belagerings van Poüazon in Porto Calvo soo gedaen door Graeff Maurits van Nassauw Gouverneur Capiteyn en Admiraal Generael van Brasilien den 19 feberwart daer voor gecomen en den 3 Maert A ⁿ 1637 verouert.	Mapa onde se mostra o sitio da Povoação / em Porto Calvo, como foi feito pelo Conde João Maurício de / Nassau, Governador Capitão e Almirante do / Brasil, chegado em frente dela a 19 de fevereiro, e a 3 de março / do ano de 1637 conquistada.
A:	Syn Ex ^u Tent	Syn Ex ^u Tent	Tenda de Sua Excelência
B:	Velt Stueckjes	Velt Stueckjes	Pequenas peças de artilharia
C:	Vyer Roers	Vyer Roers	Escopetas
D:	Regement van Col Artijcho	Regement van Col Artijcho/cky	Regimento do Coronel Artichevsky
E:	Guardie van MonjS Koni	Guardie van Mons Koini	Guarda do Senhor Koin
F:	Batalion van MonjS Koni	Batalion van Mons Koini	Batalhão do Senhor Koin
G:	Brasiliaenen	Brasiliaenen	Brasilianos
H:	Regi van Gouuar Schop	Regi van Gouverneur Schop	Regimento do Governador Schop
I:	Mayoer Mansvelt.	Mayoer mansveldt	Major Mansveldt
K:	Matroosen	Matroojsen	Marinheiros
L:	Al hier Laegen Jcheepen met viures en Ammunitie van Oorl.	Al hier Laegen de Jcheepen met viures en Ammunitie van Oorl.	Aqui ficaram navios com víveres e munição de guerra
	Rijnlant[che Roezen	Rijnlant[che Roezen	Varas Renanas
	Moras	moras	atoleiro
	Retranchement met 3 Canon van vyanct verlaetten	Retranchement met 3 Cannons van de vyant verlaeten	Reduto com 3 canhões / abandonado pelo inimigo
	Fortien van vyanct verlaeten	Fortie van den vyant verlaeten	Fortim abandonado pelo inimigo
	Leegte	leegte	planície
	Berghen	Berghen	Montes
	Wag	Way	Prados
	Landt	Landt	Trincheiras
	Aprochlyen	Aproch	Aproche
	Pannebackery	Panne Backery	Telheira
	fortelaers	Soetelaers	Vivandeiros
			[Comerciantes]
			[Entrincheiramento]
			[Cerâmica ou Olaria]

Imagem 8: Planta do Cerco de Porto Calvo na prancha PORTUS CALVUS — Prancha 7 (Barléu, Op. cit., fol. ante pag. 37).



Tabela 9: Tradução dos títulos e dos quadros de legendas da planta do cerco da Vila de Porto Calvo na prancha *PORTUS CALVUS* (Imagem 8).

Título / legenda	Tradução, por B. N. Teensma.
PORTUS CALVUS	PORTO CALVO
AGRI	CAMPOS
PASCVA	PRADO
PASCUI	PRADOS
<i>Virgæ five mensuræ Rheno-landicæ.</i>	Varas ou medidas renanas ¹ .
A. <i>Pagus.</i>	A Vila.
B. <i>Templum.</i>	A igreja.
C. <i>Arces dirutæ.</i>	Fortificações arruinadas.
D. <i>Castrum Povacon.</i>	A Fortaleza da Povoação.
E. <i>Accessus Comitiss.</i>	O aproche do Conde.
F. <i>Suggestus Comitiss.</i>	A bateria do Conde.
G. <i>Stativa Comitiss.</i>	O quartel do Conde.
H. <i>Stativa Scoppÿ.</i>	O quartel de Von Schoppe.
I. <i>Suggestus Scoppÿ.</i>	A bateria de Von Schoppe.
K. <i>Accessus Scoppÿ.</i>	O aproche de Von Schoppe.
L. <i>Statio Lichthartÿ.</i>	O quartel de Lichthart.

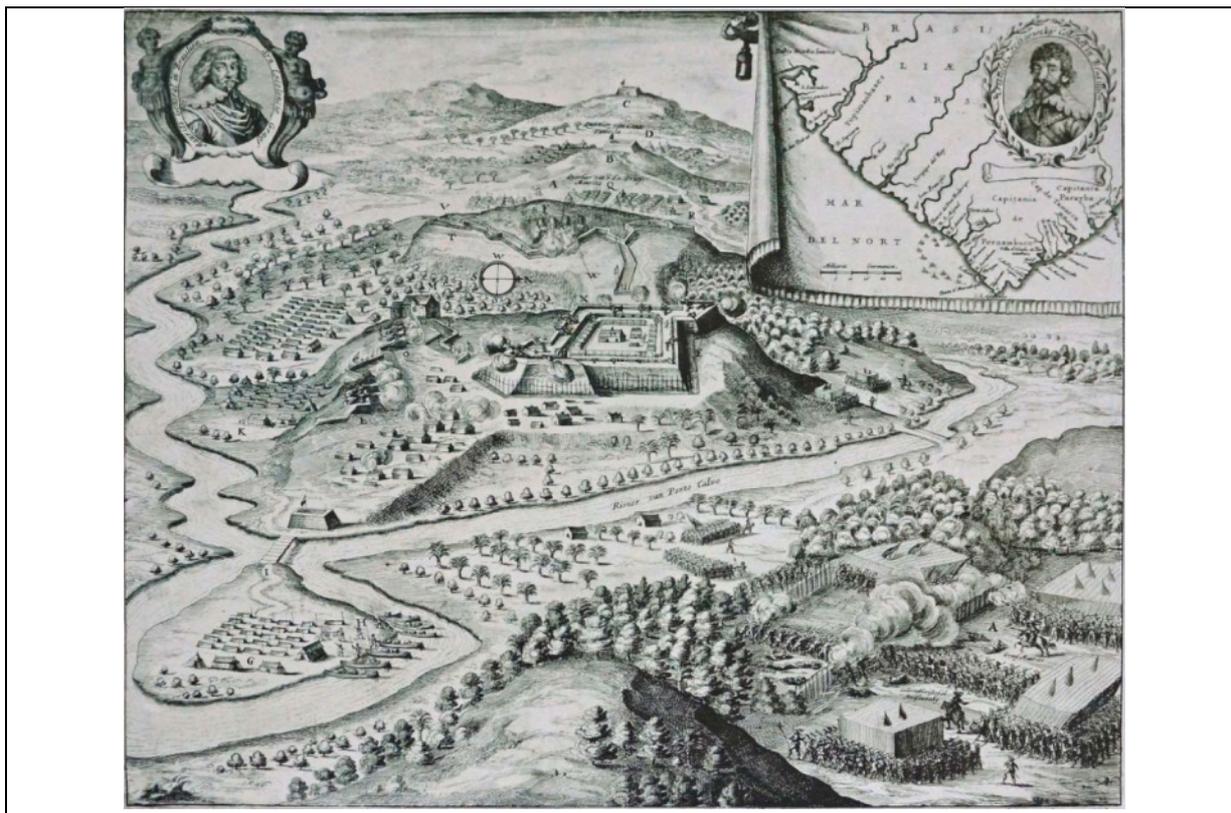
¹ O valor de conversão para o sistema métrico da vara renana do início do século XVII é de 1 vara renana = 3,766 m (HAASBROECK, N. D.: *Gemma Frisius, Tycho Brahe and Snellius and theyr Triangulations*. Rijk-commissie voor Geodesie, kanaalweg 4, Delft, Netherlands, 1968, p. 65).

M.	<i>Suggestus Lichthartj.</i>	A bateria de Lichthart.
N.	<i>Fl. Portus Calvi.</i>	O rio de Porto Calvo.
O.	<i>Montes.</i>	Montes.

Imagem 9: Vista do Cerco e Conquista de Porto Calvo, detalhe do panfleto [Kort en Auctentick Verhael van het beleg en veroveren van Povaçon de Porto Calvo](#) [Descrição resumida e autêntica do Cerco e Conquista de Porto Calvo], desenho atribuído ao Coronel Cristofel Arciszewsky e impresso por Iohan Blaeu, Amsterdam, 1637 (acervo do Atlas van Stolk, n. ref. 1794).



Imagem 10: Vista do Cerco e Conquista de Porto Calvo, detalhe do panfleto *Auctentijck Verhael van de Belengheringhe ende veroveringhe van Porto Calvo* [Descrição autêntica do Cerco e Conquista de Porto Calvo], desenho atribuído ao Coronel Cristofel Arciszewsky e impresso por Ian van Hilten, Amsterdam, 27/6/1637 (acervo do Nederlands Scheepvaartmuseum, Amsterdam).



Note-se que o mapa de Gondreville (Atlas Stoch), assumido como o melhor no traçado técnico de detalhes, tem área mapeada menor e está comprovadamente mais comprimido no sentido horizontal, ou seja, a escala horizontal média é maior do que a escala média vertical, quando comparado com os mapas do Atlas Cristina e o do Atlas Bom (I-AHGP) – comprova-se isso pelo seu quociente de aspecto, com altura maior do que a largura.

Ubicação probabilística – Batalha do Comandatuba

O estudo comparativo do conjunto das fontes históricas tratadas indicou ser necessário tratar separadamente a área do acampamento de pernoite das tropas neerlandesas no dia 17 de fevereiro da do campo dessa batalha, ao se estabelecer hipóteses para as suas localizações probabilísticas.

A situação desenhada no mapa de Gondreville (Imagem 2) – e suas variantes – mostra o campo de batalha contíguo ao acampamento e assim, praticamente não haveria marcha para o contato, e o rio, riachos e vales assinalados somente delineiam o terreno por onde os neerlandeses avançaram até assaltarem as paliçadas e os obstáculos de troncos de árvores dispostos nas margens de um rio, presumivelmente o Comandatuba.

Já se comentou que, nesse mapa, se a paliçada se situasse às margens do Comandatuba, isso implicaria que o acampamento estaria exposto ao canhoneio do Forte, e que o

testemunho de Frei Manoel Calado cita que houve a marcha das tropas contrárias até o choque na metade de uma ladeira, o que condicionou à aceitação, neste estudo, de que haveria alguma separação entre o acampamento e o campo de batalha.

O georreferenciamento probabilístico do caminho percorrido pelo exército de Nassau da Barra Grande a Porto Calvo, publicado por este autor², o situa nas faldas do lado noroeste da elevação dominante à margem esquerda da foz do rio Comandatuba, e ao lado de Porto Calvo. O acampamento, presumivelmente, situar-se-ia nas faldas desse monte e nas laterais desse caminho, que prossegue para as margens do Comandatuba cortando um riacho tributário margem esquerda desse rio.

As gravuras dos panfletos Blaeu e van Hilten (Imagens 9 e 10), desenhadas por, ou sob supervisão de Cristofel Arciszewsky, e publicadas pouco meses depois da batalha, não mostram o acampamento e a ilustram ocorrendo distante do *Rivier van Porto Calvo* (Comandatuba), e não detalham haver um riacho entre as duas paliçadas. Para atender essas condições, se estabelece a hipótese de que a paliçada estaria às margens de um pequeno regato afluente do Comandatuba e cortado pela linha de avanço pelo caminho acima citado, a Hipótese A deste estudo. As localizações probabilísticas dos elementos elencados na tabela 7 estão esquematizadas na Imagem 11, onde se emprega a mesma simbologia adotada pelo autor em outros estudos³ suportados pelo Google Earth, em essência, distinguindo com cores os marcadores e linhas conforme as legendas da Tabela 10 abaixo.

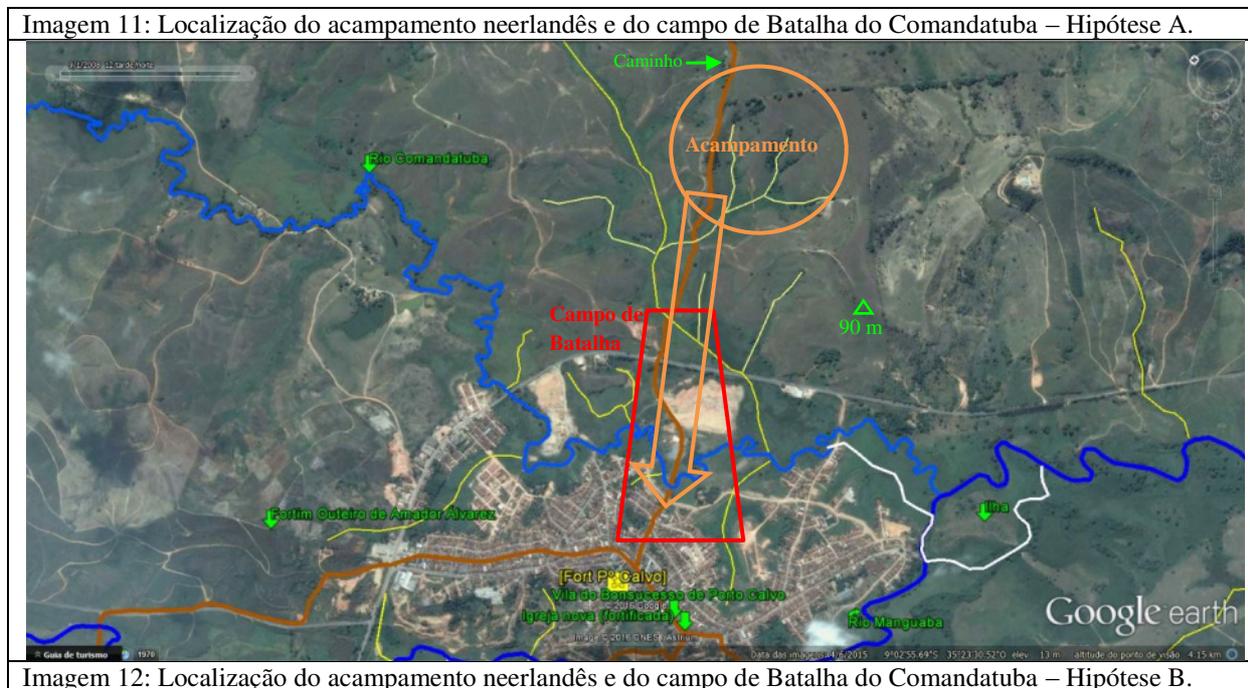
Tabela 10: Simbologia da ubicação geográfica para representação dos elementos de interesse histórico da Batalha do Comandatuba e do Cerco e Conquista de Porto Calvo no Google Earth.	
Cor do símbolo ou linha.	Posição geográfica.
Verde	Correta, conhecida.
Magenta	Probabilística.
Branca	Probabilística no século XVII (para cursos de rios).
Amarela	Não mapeada na cartografia histórica considerada neste estudo.
Marrom escura	Caminho.
Marrom clara	
Vermelha	Elemento relacionado aos ibero-brasileiros.
Laranja	Elemento relacionado aos neerlandeses.
Ocre	Aproche, obstáculo ou trincheira.

A hipótese levando em conta as condicionantes com menos incongruências com o mapa de Gondreville consiste em situar o acampamento neerlandês no morro do lado oeste do caminho. Dessa forma, a marcha do acampamento neerlandês até o campo de batalha percorreria aproximadamente 400 metros, ladeira abaixo e sem passar por riacho. E o acampamento estaria a pouco mais de 1.000 metros das bocas de fogo do Forte, distanciamento provavelmente seguro, uma vez que suas peças mais grossas eram duas de 24 libras

² Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês, Op. cit..

³ O georreferenciamento do mapa BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS de Georg Marcgrave — uma ferramenta prática para estudos do Brasil Holandês. Op. cit..

e uma de 22 libras⁴. Essas condições estão consideradas na Hipótese B trabalhada, resultando nas localizações probabilísticas esquematizadas na Imagem 12.



⁴ Conforme consta no Relatório sobre o estado das Capitânicas conquistadas no Brasil (DUSSEN, Adriaen Van der: Relatório sobre o estado das Capitânicas conquistadas no Brasil. In: Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981, DOCUMENTO 6, pg. 205.

Esse relatório cita que o Forte conservava as peças que nele foi encontrada na sua rendição (NASSAU-SIEGEN, J. Maurice; DUSSEN, Adriaen Van der; KEULLEN, Mathijs Van: Breve discurso sobre o estado das quatro capitânicas conquistadas no Brazil, pelos holandeses, 14 de janeiro de 1638. In: Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/Fundação Pró-Memória, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981, Documento 5, pg. 115).

Diego Ufano informa que o alcance de uma peça de 24 libras e alma de 27 calibres era de 1120 passos (~ 918 metros) para tiros apontados e 6664 passos (~5,5 Km) na elevação máxima. (Op. cit., p. 27). Os do Forte de Porto Calvo possivelmente eram mais curtos (alma com menos calibres de comprimento) e com menor alcance.



Observa-se nas Imagem 11, referente à Hipótese A, que a paliçada dupla poderia estar localizada na travessia do tributário do rio Comandatuba. E, apreciando as Imagens 11 e 12, constatar-se o maior grau de incerteza do local do acampamento neerlandês.

Ubicação probabilística - cerco e conquista de Porto Calvo em 1637

Confrontando os mapas e as gravuras acima citados com as ubicações conhecidas ou hipotéticas da pesquisa de campo solicitada pelo IPHAN/AL⁵, relaciona-se na Tabela 11 os elementos de interesse histórico do dispositivo de ataque e defesa e as edificações explicitados nos mapas e gravuras do Cerco e Conquista de Porto Calvo, com as mesmas letras dos mapas do Atlas Stoch e do *Rerum per octennium*⁶. Atribui-se algarismos aos que estão identificados com notas explicativas escritas diretamente nos mapas Vingboons⁷, e indica-se o status atual de localização com certeza, probabilística ou que não tiveram proposta de localização.

⁵ Pesquisa arqueológica sobre a ocupação holandesa na bacia do rio Manguaba, Op. cit.: igreja nova (C), p. 222, 282, 289; Forte Povoação/igreja velha (A), p. 223, 280, 282, 283, 289; Redutos no Outeiro de Amador Aguiar e no morro atrás (S), p. 282, 289, 297, 299-306; Fort Bass (Reduto na Ilha do Guedes), p. 278, 307-331; Reduto do Varadouro (O), p. 282; Acampamento Lichthart (F) e ancoradouro na Ilha do Guedes (N), p. 291; Acampamento Schop (E), p. 293; Batalha do Comandatuba, p. 295. As letras indicativas maiúsculas entre parênteses são as mesmas utilizadas no mapa de Gondreville.

⁶ Gravura PORTUS CALVUS: Barléu (Op. cit, prancha 7, ante p. 37).

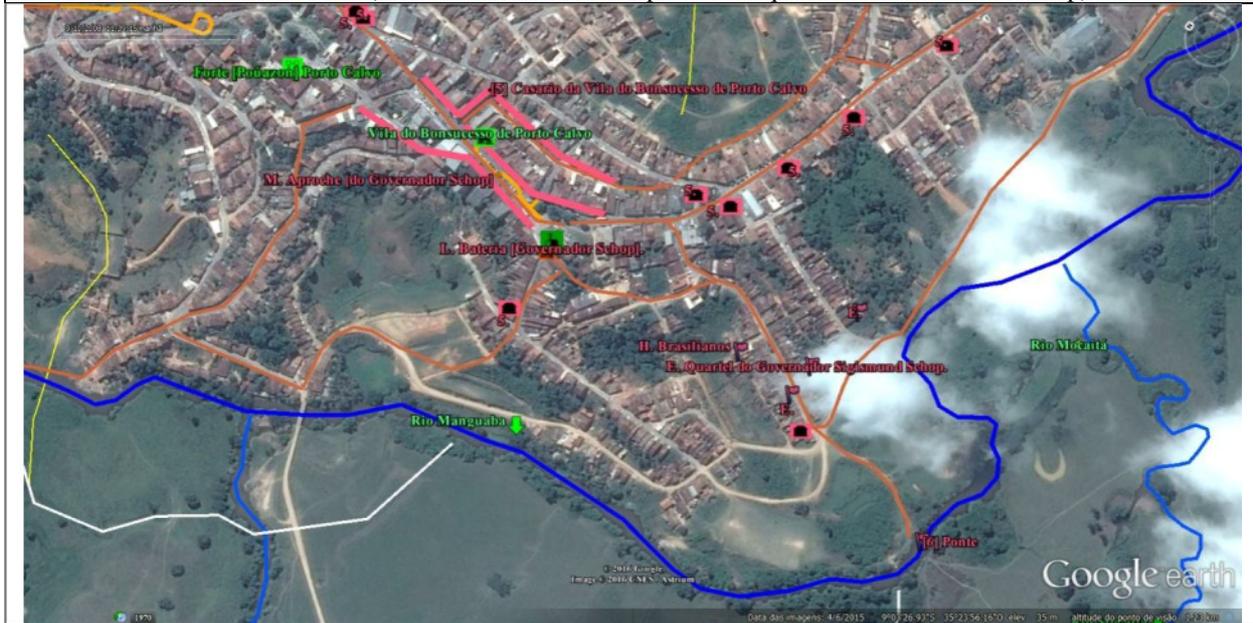
⁷ Mapas do cerco e conquista de Porto Calvo do Atlas Stoch, Atlas Cristina e Atlas Bom (IAHGP).

Tabela 11: Status da localização dos elementos de interesse histórico do dispositivo de ataque e defesa do Cerco e Conquista de Porto Calvo.		
Cifra*	Elemento	Status**
A	Forte Povoação (igreja velha).	C
B	A vila (arruamento e casas).	N
C	A igreja nova (fortificada e abandonada).	C
D	O quartel-general de Sua Excelência, João Maurício, Conde de Nassau.	N
E	Quartel do Governador Sigismund Schop.	P
F	Quartel do Almirante Lichthart e de seus marinheiros.	P
G	O Regimento do Coronel Artischofsky.	N
H	Brasileiros (acampamento).	N
I	Escopeteiros (acampamento).	N
K	Guarda de Sua Excelência (acampamento).	N
L	Bateria.	N
(G)	Bateria do Conde.	N
(H)	Bateria Schop.	N
(L)	Bateria Lichthart.	N
M	Aproches.	N
(E)	Aproche do Conde.	N
(K)	Aproche do Governador Schop.	N
N	Uma ilha onde está nosso armazém (a ilha propriamente dita, hoje Ilha do Guedes).	C
O	Pequeno reduto de proteção da ponte no varadouro.	P
Q	Pequenas peças de campanha (bateria de proteção de acampamento).	N
S	Dois redutos aonde o Conde de Bagnuoli se retirou depois de ser vencido.	C
	Reduto com 3 canhões abandonado pelo inimigo (Outeiro de Amador Álvares).	C
	Fortim abandonado pelo inimigo.	C
T	Guaritas.	N
[1]	Armazém na ilha [possivelmente o passo de açúcar de Porto Calvo].	N
[2]	Arruamento na ilha com casas de vivandeiros [comerciantes].	N
[3]	Trincheira na ilha, na cabeça da ponte no varadouro.	N
[4]	Telheira [Olaria].	N
[5]	Casario da Vila do Bonsucesso de Porto Calvo	N
[6]	Pontes	N
[7]	Ruas da Vila e a rede de caminhos	N

* Letras: simbologia de identificação dos elementos no mapa de Gondreville.
 Letras entre parênteses: simbologia de identificação dos elementos no mapa PORTUS CALVUS.
 Algarismos: simbologia de identificação dos elementos escritos diretamente nos mapas.
 ** C – Localização com certeza; P – Localização hipotética proposta em fonte de referência; N – Ainda não proposta.

Os itens de interesse histórico mapeados nas plantas de Cerco e Conquista de Porto Calvo, e relacionados na Tabela 11 acima, foram ubicados no Google Earth com a mesma metodologia empregada para a Batalha do Comandatuba. Como há muito mais detalhes a se mostrar, as imagens do georreferenciamento (Imagens 13 a 17) estão setorizadas para efeito de clareza.

Imagem 16: Georreferenciamento dos elementos de interesse histórico dos mapas do Cerco e Conquista de Porto Calvo – setor centro-sul da Vila (setor do Forte até o acampamento e quartel do Governador Schop).



Na Imagem 16, acima, detalha-se a área do quartel e acampamento do Governador Sigismundo Schop, e a situação do seu setor de ataque ao Forte. A sua bateria está posicionada no lado esquerdo da igreja nova, conforme indicado no mapa de Gondreville.

Imagem 17: Georreferenciamento dos elementos de interesse histórico dos mapas do Cerco e Conquista de Porto Calvo – setor norte da Vila, ilustrando a situação do aproche do Conde e os acessos à guarita na paliçada do Rio Comandatuba.



Conclusões e comentários

A abordagem comparativa das fontes históricas da batalha do Comandatuba e do Cerco e Conquista de Porto Calvo permitiu a coleta de informações de localização geográfica de sítios de interesse histórico relacionados com esse evento, muito deles praticamente desconhecidos ou não destacados em estudos anteriores.

A avaliação dessas informações resultou na proposta de localização probabilística exposta neste trabalho⁹, a qual leva em conta as ambiguidades detectadas.

Notou-se haver muitas discrepâncias nas informações atinentes à batalha travada na chegada dos neerlandeses a Porto Calvo em 18 de fevereiro de 1637, centrada numa paliçada dupla dos ibero-brasileiros às margens do Rio Comandatuba — ou de um tributário seu, percebidas no estudo da bibliografia, iconografia e da cartografia. Em consequência, assumiu-se hipóteses para essa batalha baseadas nas melhores concepções alcançadas, estabelecendo-se duas posições para as possíveis localizações do acampamento de pernoite das forças neerlandesas e da paliçada dupla.

As informações do Cerco e Conquista de Porto Calvo, bem mais coerentes nas fontes, também não deixam de apresentar seus problemas para a georreferenciação probabilística, entre eles, a constatação de que as versões dos mapas Vingboons e gravuras dos panfletos noticiosos apresentarem algumas falhas e omissões nos traçados e nas anotações explicativas.

Todos os mapas examinados neste trabalho têm relativização de escalas, notando-se, especificamente nos do Cerco, a compressão das distâncias entre o morro de Amador Alvares e a Vila de Porto Calvo, e desta à ilha no Rio Manguaba, e o exagero na representação dessa ilha. Essas variações escalares em zonas é recurso relativamente comum para destacar em escala menor acidentes geográficos considerados importantes nos mapas neerlandeses daquela época.

O georreferenciamento dos elementos de interesse histórico da batalha de Porto Calvo em 1637, alguns com posição já conhecida, outros com a ubiquação probabilística proposta neste trabalho, propicia elementos essenciais para a compreensão do terreno, disposição das tropas, estruturas de defesa e ataque, e da sua dinâmica.

Assim, o georreferenciamento aqui proposto, possivelmente, virá facilitar e inspirar novos *insights* para o planejamento e execução de pesquisas arqueológicas e a preservação de bens históricos em Porto Calvo, ações que viriam contribuir para a herança comum do Brasil, Portugal, Espanha, Itália e Países Baixos.

⁹ O arquivo para o aplicativo Google Earth com o georreferenciamento probabilístico da Batalha do Comandatuba e do Cerco e Conquista de Porto Calvo criado para este estudo está disponibilizado para download no site do Atlas Digital da América Lusa (LEHS/UnB).

Agradecimento

Ao professor Benjamin Nicolaas Teensma¹⁰, pelas traduções dos títulos e legendas dos mapas utilizados neste estudo, e pelos sábios comentários sobre o tema Porto Calvo.

¹⁰ Professor emérito da *Universiteit Leiden*, Leiden, Holanda.



Subversões do pecado: prostituição e concubinato nas Minas setecentistas

Lisa Batista de Oliveira
Mestre em História pela UFF

No século XVIII, as Minas Gerais foram submetidas ao controle das devassas eclesiásticas, que puniam desvios morais em relação aos preceitos da Igreja Católica. Visitas diocesanas que recebiam denúncias dos moradores sobre crimes contra a fé e delitos sexuais, as devassas incentivavam a maledicência de compadres, vizinhos e amigos, alterando as relações comunitárias e rompendo seus vínculos de solidariedade. As devassas desfaziavam amizades, rompiam laços de vizinhança, afetos e paixões,¹ separavam amantes. Pretendia-se impor vigilância sobre a vida íntima dos moradores² e combater as transgressões nas Minas, marcadas pela recorrência de “crimes” contra o sacramento cristão do matrimônio, que era “ousadamente questionado”³ por meio de vivências às margens da ortodoxia católica.⁴

A Igreja buscava “disciplinar e punir condutas desviantes”,⁵ afirmando-se como instituição de poder e controle das comunidades cristãs. As devassas integravam um processo de aculturação cristã pautado na repressão violenta das uniões ilícitas, que transgrediam o sacramento do matrimônio. Uma das principais metas da Contra-Reforma foi a difusão do sacramento matrimonial efetivada através da criminalização das sexualidades desviantes e das religiosidades heterodoxas, visando à destruição das solidariedades comunitárias.⁶ Com o Concílio de Trento (1545-1563), “o concubinato foi explicitamente condenado”. A imposição do casamento católico como única forma de acesso a relações eróticas ocorreu através da afirmação do concubinato como transgressão e “escândalo”. As devassas procuravam ordenar as uniões sexuais tendo como base o caráter lícito do ato de conjunção carnal. A inserção de relações de poder cristãs e patriarcais dava-se por meio das denúncias de situações irregulares como o concubinato, que rompiam os laços de soli-

¹ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 222-226.

² FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 51.

³ MOTT, Luiz. *Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p. 33.

⁴ RESENDE, Maria Leônia Chaves de; JANUÁRIO, Mayara Amanda; TURCHETTI, Natália Gomes. De jure sacro: a Inquisição nas vilas d’El Rei. *Varia Historia*, Belo Horizonte, UFMG, v. 27, n. 45, p. 339-359, jan./jun. 2011. p. 343.

⁵ FIGUEIREDO, Luciano; SOUSA, Ricardo Martins de. Segredos de Mariana: pesquisando a Inquisição mineira. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul./dez. 1987.

⁶ VAINFAS, op. cit., 1989. p. 12-85-345.

dariidade resultantes da convivência comunitária. As devassas tinham como objetivo dividir a comunidade, submetendo-a ao poder eclesiástico através do distanciamento dos “pecadores”, condenados a penas pecuniárias, prisões, excomunhões e separados da vivência social.⁷

O que estava em causa era o caráter permitido ou proibido das relações carnavais,⁸ estabelecido pela lei divina, que volta-se nesse contexto histórico para a questão da ampliação da população mestiça decorrente dos relacionamentos sexuais ilícitos. A miscigenação fundamentou o povoamento das Minas Gerais e a proliferação de mestiços era fonte de “desordem social” para os poderes dominantes,⁹ ameaça constante de rebelião. A imposição do sacramento do matrimônio associava-se ao caráter lícito das uniões conjugais, fundamento para a mediação das práticas culturais em um processo colonizatório onde as ligações transitórias e as uniões informais eram caracterizadas pela miscigenação. Associadas ao processo de povoamento das Minas, as devassas eram instrumentos de uma política religiosa da Igreja Católica que visava à normatização social das uniões livres,¹⁰ pois a mestiçagem advinda das relações ilícitas era uma ameaça ao caráter estamental da ordem patriarcal escravista. Contudo, as devassas revelam a instabilidade das uniões sacramentadas nas Minas setecentistas, espaço histórico onde práticas sexuais marginalizadas, excluídas pelo discurso cristão, subsistiram. Nas Minas predominaram formas heterodoxas de organização familiar e de uniões sexuais como o concubinato e as relações efêmeras.¹¹ Estáveis ou passageiras, as relações ilícitas distanciavam-se da união sacralizada pelos laços do matrimônio.¹²

As relações concubinárias envolveram, principalmente, portugueses ou seus descendentes livres com africanas, crioulas e mestiças, em grande medida escravas e forras. As uniões multirraciais transformaram-se em costumes em um espaço cultural favorável para as relações entre homens e mulheres “com condições sociais e matizes de peles diferentes”, que optaram por viver solteiros, estabelecendo uniões livres ou ligações efêmeras, que “subverteram, do ponto de vista moral e normativo, as tradições de uma sociedade escravocrata, estamental e baseada em privilégios”.¹³ Entretanto, os encontros amorosos

⁷ LONDOÑO, Fernando Torres. El Concubinato y la Iglesia en el Brasil Colonial. *Cadernos CEDHAL*, São Paulo, USP, n. 2, 1988.

⁸ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 38-101-102.

⁹ VAINFAS, op. cit., 1989. p. 50-97.

¹⁰ FIGUEIREDO, Luciano. *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 19-41-49.

¹¹ FURTADO, op. cit., 2003. p. 267.

¹² LOPES, Eliane Cristina. “Tratar-se como casados e procriar”: concubinato, campo fértil da bastardia. *Série Seminários Internos*, São Paulo, CEDHAL/USP, n. 1, 1996. p. 1.

¹³ Os homens brancos livres, portugueses ou luso-brasileiros, preponderaram entre os concubinos sentenciados nas devassas, perfazendo 92% dos casos na Comarca do Rio das Velhas entre 1727 e 1756. Entre as mulheres mancebas predominaram as libertas africanas, crioulas e mestiças com percentual de 58%. Em seguida, vinham as cativas africanas e crioulas com 26,6%. NETTO, Rangel Cerceau. A família ao avesso: “o viver de portas adentro” na Comarca do Rio das Velhas no século XVIII. *Fênix-Revista de História e Estudos Cultu-*

pluriétnicos eram permeados por relações afetivas hierarquizadas, fortemente sexualizadas.¹⁴

Negras e mestiças pela própria cor da pele eram suspeitas de prostituição e maus costumes, e eram tidas como objeto sexual.¹⁵ A misoginia racista da sociedade colonial classificava as mulheres de origem africana como alvos naturais de investidas sexuais, a quem cabiam os convites diretos à fornicação.¹⁶ A “mal-procedida” confundia-se com a perdição em uma cultura misógina na qual a meretriz, a amancebada e a adúltera não se diferenciavam da própria noção de pecado.¹⁷ Um código sexual cristão e patriarcal, no qual relações escravistas estendiam-se às relações de gênero, considerava cativas e forras mulheres lascivas, doces e submissas, que se entregavam aos prazeres sensuais devido à propensão ao pecado capital da luxúria. A proteção patriarcal reservada às brancas de elite tinha como avesso a aceitação das relações ilícitas com negras e mestiças, mulheres “passíveis de fornicação”, desejadas, mas degradadas pelo estigma da cor e da escravidão.¹⁸

A recorrência de desvios e heterodoxias era consequência do ir e vir de homens errantes, do denso fluxo populacional masculino em uma sociedade essencialmente urbana. Multiplicavam-se homens com costumes itinerantes, a ganhar a vida pelos caminhos como mineradores, comerciantes, tropeiros. A mobilidade intrínseca à mineração e às atividades comerciais resultou numa população masculina flutuante que buscava enriquecimento rápido. A transitoriedade de homens pressuposta pela extração aurífera conduziu a um tipo de família criada a partir de relações concubinárias ou eventuais, onde somente a mãe convivia com os filhos. As mulheres tornaram-se presença predominante na vida urbana, pois permaneciam na retaguarda do povoamento, estabelecendo relações sexuais casuais, arcando com seus filhos bastardos. O intenso fluxo populacional das vilas, arraiais e centros mineradores, tradicionais zonas de passagem,¹⁹ transformou as Minas setecentistas em um espaço histórico propício aos envolvimentos ilícitos. Uma existência nômade incentivava novos laços de sociabilidade e as relações efêmeras em um contexto urbano que conduzia às transgressões conjugais.²⁰

rais, ano V, v. 5, n. 3, jul./ago./set. 2008. Disponível em:

<<http://www.revistafenix.pro.br/vol16rangelnetto.php>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

¹⁴ VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasileiras: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, Fernando A.; MELLO E SOUZA, Laura de (Orgs.). *História da vida privada no Brasil I: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 229.

¹⁵ DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e Poder: em São Paulo no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 93.

¹⁶ PRIORE, Mary Del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. p. 46.

¹⁷ PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009. p. 97-100-137.

¹⁸ VAINFAS, op. cit., 1989. p. 64-65-76.

¹⁹ FARIA, Sheila. *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial (sudeste, século XVIII)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998; DIAS, op. cit., 1995. p. 30, 33.

²⁰ VILLALTA, Luiz Carlos. *“A torpeza diversificada dos vícios”*: celibato, concubinato e casamento no mundo dos letrados de Minas Gerais (1748-1801). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. p. 16.

Denunciava-se às devassas principalmente mulheres de origem africana que viviam em uniões consensuais ou esporádicas com seus filhos ilegítimos. Eram rotuladas de “mal-procedidas” tanto mulheres que se entregavam a relações conjugais não ortodoxas, auferindo benefícios ou rendimentos dos relacionamentos amorosos ilícitos, quanto aquelas que aderiam efetivamente ao comércio sexual, o que revela os tênues limites entre práticas desviantes e prostituição. Algumas mulheres possuíam mais de um concubino e meretrizes despertavam amores, estabelecendo relações de mancebia com vários homens. O “mau uso de si” estava vinculado aos fogos chefiados por mulheres sós, dispostas, eventualmente, a sobreviver com o ganho de seus corpos. Libertas utilizavam os “tratos ilícitos” como alternativas improvisadas de sobrevivência e consentiam que suas filhas “fizessem mal de si”, criando laços de auxílio mútuo através do “mau-procedimento”. Mães solteiras, cúmplices da vida “dissoluta” de suas meninas, subverteram as relações familiares de dependência pessoal ao viverem “formas não sacramentadas de convívio sexual”. O “viver meretrizmente” designava a vida fora dos padrões convencionais de mulheres solteiras ou de maridos “ausentes”, com todo comportamento “desregrado” confundindo-as com prostitutas.²¹

Nos domicílios matrifocais,²² mulheres construía relacionamentos conjugais alternativos ao sacramento matrimonial e criavam formas de convívio com o seu próprio gênero. As vivências intensas de amores efêmeros pautavam-se na constituição de laços comunitários e de áreas de resistência e sociabilidade, caracterizados pela contestação ao comportamento social ditado pela Igreja Católica. A natureza explícita das relações amorosas ilícitas de negras e mulatas, sua prole ilegítima, sua capacidade de congregação em casas de alouce e seu potencial de interação sexual com homens livres fizeram com que o discurso cristão dominante problematizasse as transgressões sexuais colocando-as como as principais responsáveis pelos “tratos ilícitos”. Devido à pobreza, africanas, crioulas e mestiças eram dependentes de si mesmas, do convívio comunitário feminino. A prática da prostituição exerceu função social importante, refletindo as relações de dependência que uniam entre si, nas fímbrias da escravidão urbana, brancas pobres, cativas e libertas.²³ Buscava-se uma identidade cultural fundamentada em uma forma própria de conjugalidade e na organização de um ganha-pão, que dependiam de redes muito fortes de auxílio mútuo e de densos laços de solidariedade e vizinhança que se improvisavam e modificavam²⁴ continuamente:

Josefa Maria de Souza concorre para que sua filha Jacinta de São José se desoneste com hóspedes que ela recolhe e não tem outra coisa de que viva e também vive de dar pousada para o mesmo fim a mulheres meretrizes, como é uma bastarda [...] por nome Rosa Maria [...] como foi algumas vezes Joana Xavier mulher branca e

²¹ PRIORE, op. cit., 2009.

²² Domicílios matrifocais eram lares chefiados por mulheres.

²³ DIAS, Maria Odila da Silva. Nas Fímbrias da Escravidão Urbana: negras de tabuleiro e de ganho. *Estudos Econômicos*, São Paulo, IPE-USP, v. 15, n. especial, p. 89-109, 1985.

²⁴ DIAS, op. cit., 1995. p. 16.

uma crioula por nome Ana [...] preta forra e Gertrudes de Oliveira mulher branca que adentro em casa da mesma hoje sendo casada. [...] E quando os hóspedes eram muitos e eram necessárias mais mulheres, as convocava deste arraial e também de outras partes vinham assistir à sua casa.

Além de “dar alcouce”, Josefa Maria de Souza era uma prostituta que se dava aos homens que recolhia em sua pousada em Ouro Branco, no ano de 1764. No entanto, era concubinada com João da Costa Barbosa, oficial de ferreiro e ferrador. Assim como a mãe, Jacinta Maria de São José era conhecida como “pública meretriz”, apesar de seu amancebamento com o português Manoel Gomes Chaves, “homem casado em Portugal e trás mesmo o filho ao peito”. Josefa abrigava “toda a casta de passageiros”, cozinhando para eles e lhes prestando outros serviços, sendo infamada de servi-los com “atos lascivos”, “por si e sua filha Jacinta, e por Rosa mulher bastarda que tinha em sua casa, e lhes tirava contas do que davam por seus atos ilícitos”.²⁵ As uniões conjugais informais com homens que com elas não se casariam não diminuí a ação social dessas mulheres. Josefa de Souza proporcionava oportunidades de convívio entre mulheres brancas e negras, solteiras e casadas, criando vínculos de solidariedade femininos implícitos nas redes de dependência pessoal.

Por vezes, a prostituição era casual, complementando outros recursos de sobrevivência. A produção de comida e as atividades comerciais eram costumeiras ocupações femininas nas tradicionais sociedades africanas,²⁶ que delegavam às mulheres as tarefas de alimentação. Seguindo tradições culturais africanas, as mulheres eram responsáveis pelo pequeno comércio de gêneros alimentícios, que chegava a ser clandestino, atuando na venda de comida feita, cachaça e fumo em vendas ou pousadas de beira de estrada. Amancebadas, adúlteras e “pecadoras” diziam viver de seu próprio trabalho, “de suas agências ou negócios”, e muitas, sem escravos, diziam não ter meios “decentes” de sobrevivência. Valiam-se dos contatos pessoais, das relações de parentela entre vizinhas que transcendiam os domicílios. Concubinas e prostitutas constituíam o espaço da “desordem”, relativamente tolerado pelas autoridades devido a relações pessoais ou ao compadrio com os poderosos. Toda uma rede de proteção, concubinatos, conhecimentos e favores pessoais intercedia por elas.²⁷

Moradas se transformavam em vendas de molhados, que serviam também como “casas de alcouce”, que à noite eram pontos de encontro para cativos e libertos. A forra Ana Vieira vivia em sua venda onde “se juntam negros de noite [...] a fazer negócios”.²⁸ Vendeiras caracterizaram-se por darem abrigo, agasalhos e mantimentos aos quilombolas, por receptarem o ouro roubado por quilombos e escravos fugidos. A proliferação de bote-

²⁵ Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM - Devassas, 1762-69. fl. 65v a 71; MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 184-185.

²⁶ PAIVA, Eduardo França. *Escravos e Libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. 3. ed. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFMG, 2009. p. 80-139.

²⁷ DIAS, op. cit., 1995.

²⁸ AEAM - Devassas, 1762-69. fl. 68v-70.

cos e tavernas proporcionava o convívio cultural das camadas populares. As medidas de controle social envolvendo vendeiras e negras de tabuleiro com seu comércio ambulante eram decorrentes da intensa presença feminina nas atividades ligadas ao consumo e à produção de gêneros alimentícios. Forras ou escravas eram líderes da vida comunitária de cativos e libertos. Viviam à sombra da lei devido à prática da prostituição ou do comércio clandestino e eram acusadas de contrabando de ouro e diamantes, de levar informações e alimentos aos quilombolas, de auxiliar a fuga de cativos,²⁹ o que demonstra o medo diante de mulheres negras e suas relações ilícitas. A liberta Eugênia “recolhe em sua casa negras de tabuleiro que andam ganhando dinheiro com suas velhacarias e da mesma sorte recolhe os negros da faisqueira e a uns e outros consente em sua casa de noite para todas as [...] maganagens”.³⁰

Em torno dos domicílios matrifocais surgia toda uma forma de organização familiar e de sobrevivência que transcendia os lares por meio de uma densa rede de relações pessoais.³¹ O concubinato e as ligações transitórias eram um espaço de identificação cultural para as forras, que conquistavam maior inserção social através das relações familiares alternativas ao constituírem relações de convivência fundamentadas no compadrio.³² Complexas relações culturais que estimulavam relações de caráter pessoal e redes de dependência social referentes a laços de sangue e parentesco fictício³³ previam fortes associações entre mães alcoviteiras e filhas “mal-procedidas”, e laços de comadrio e solidariedade resultantes do convívio comunitário de vizinhança. Negras e mestiças distribuíam seus filhos ilegítimos entre mães, irmãs e amigas para criá-los. As “mal-procedidas” possuíam uma ética própria para constituir vínculos familiares e afetivos, cercando-se de comadres e vizinhas, e estabelecendo relações ilícitas estáveis ou esporádicas com eventuais companheiros. A alcovitice fundamentava uma profunda solidariedade feminina e era um laço³⁴ que unia mães e filhas:

Ana Maria, mulher [...] casada [...] vive escandalosa e publicamente ausente de seu marido, infamada de concubinato e não sabe ele testemunha com quem, mas é público que admite e consente em sua casa homens, não só para si, mas também para sua irmã Francisca e para suas filhas Maria e Ana.³⁵

Mulheres casadas ou “ausentes” de seus maridos recorriam às práticas desviantes como formas improvisadas de sobrevivência e de relacionamento conjugal, visando uma maior influência nas relações de gênero e uma participação mais efetiva no universo pú-

²⁹ DIAS, op. cit., 1985; FIGUEIREDO, Luciano; MAGALDI, Ana Maria. Comércio Feminino e Tensão Social. In: FIGUEIREDO, Luciano. *O Avesso da Memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

³⁰ AEAM - Devassas, 1734. fl. 102v.

³¹ DIAS, op. cit., 1995. p. 52-74.

³² NETTO, op. cit.

³³ SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989. p. 15-17-19.

³⁴ PRIORE, Mary Del. *A Mulher na História do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992; PRIORE, op. cit., 2009.

³⁵ AEAM - Devassas, 1762-69. fl. 46v-47.

blico. Rosa vivia “ausente” de seu marido Francisco Cardoso, o que a testemunha sabia por ter ouvido “ela contar que o dito a deseja em casa, porém ela o não quer seguir”.³⁶ Inúmeras foram as mulheres denunciadas nas devassas por não viverem com seus maridos. A liberta Elena Maria da Conceição cometia “adultérios com uns e outros com o consentimento de sua mãe”.³⁷ Em 1777, o pardo forro Manoel Borges denunciou a sogra por alcovitar homens para sua mulher, que não queria com ele “fazer vida”, talvez por estar na sua liberdade para “usar mal de si”.³⁸

Há uma constante referência no discurso da época à liberdade conquistada por mulheres de origem africana através do abandono de seus maridos. Mulheres pobres responderam às demandas da Igreja sobre o uso de seus corpos com adultérios.³⁹ Gertrudes de Oliveira vivia “separada de seu marido Manoel Francisco”, “que querendo por várias vezes chamá-la para sua companhia ela nunca quis”. Gertrudes não “fazia vida” com o marido por preferir “viver na sua liberdade”, “dada à sensualidade”.⁴⁰ Negras e mulatas tinham como passado cultural o hábito de africanas que se mantinham economicamente independentes, sustentando a si próprias e aos filhos.⁴¹ A prostituição era uma opção de trabalho e sobrevivência para muitas mulheres que optavam pela separação de seus maridos e concubinos⁴² ou que almejavam uma existência mais livre. As “mal-procedidas” faziam do “mau uso de si” um desafio ao casamento sacramentado pela Igreja, pois os “tratos ilícitos” constituíam alternativas que resultavam em uma margem mais ampla de autonomia e num exercício maior de poder nas relações de gênero. Tinha-se uma liberdade na escolha dos parceiros e a negação da estrita submissão ao marido existente no matrimônio eclesiástico. Em Conceição do Mato Dentro, a parda forra Paula Perpétua, definida como meretriz “pronta para todas as desonestidades com qualquer homem”, “supondo seja casada vive como se não o fora, porque se ausenta de seu marido todas as vezes e quando quer”. A posição passiva de Francisco da Cunha, marido de Paula, em relação ao adultério de sua esposa, justificava-se pelo fato deste temer “que a mesma lhe maquine a morte”.⁴³ O concubinato com Antônio Porto era a principal causa existente para Paula “estar ausente de seu marido, tendo-a em uma casa a parte”. Apesar de concubina com outro homem, Paula relacionava-se com o marido, “a qual vive separada dele no morro”, não obstante, algumas vezes, o seu marido ia à casa dela e ela à casa dele.⁴⁴

Laços de trabalho, dependência e parentesco ligavam as mulheres entre si formando uma complexa rede de relações sociais,⁴⁵ que proporcionavam a criação de um convívio

³⁶ AEAM - Devassas, 1750-53. fl. 73.

³⁷ AEAM - Devassas, 1767-77. fl. 16.

³⁸ Idem. fl. 21.

³⁹ PRIORE, op. cit., 1992. p. 20.

⁴⁰ AEAM - Devassas, 1753. fl. 70v-71.

⁴¹ DIAS, op. cit., 1995. p. 158.

⁴² FIGUEIREDO. op. cit., 1993. p. 102.

⁴³ AEAM - Devassas, 1756-57. fl. 7-7v-8.

⁴⁴ AEAM - Devassas, 1750-53. fl. 58-60v.

⁴⁵ SAMARA, op. cit., p. 171.

comunitário feminino resultante de extensas relações de parentela e vizinhança. As “mal-procedidas”, com suas “putarias e mancebias”, eram mulheres profanas e perigosas devido à sua prole ilícita e miscigenada, concebida fora do matrimônio sacramentado.⁴⁶ A inserção em relações de mancebia ou redes de alcovitagem correspondiam a uma escolha social ditada por uma cultura feminina de resistência fundamentada na sedução que rejeitava o controle da Igreja sobre as interações culturais comunitárias. A viúva conhecida como “Antonica” “consentia os delitos carnis” de suas filhas Joana e Teodósia, que “juntamente com [...] outras [...] são mal-procedidas e públicas meretrizes, admitindo homens em sua casa”.⁴⁷ A parda Inácia da Costa, “mulher pública muito mal-procedida”, consentia nos “pecados” de sua filha Rosana, “a qual haverá oito anos que é meretriz [...], sempre a mãe morou com ela na mesma casa, vendo entrar homens para tratarem [...] com [...] sua filha sem que lhe proibisse, antes permitindo-lhe [...] para que se sustentasse e vestisse”. Além de saber dos amásios de Rosana e de consentir seus “tratos ilícitos”, Inácia era uma afamada alcoviteira de Mariana, que costumava “ter em sua casa algumas mulheres para se darem a homens, sendo medianeira para que os homens lhes dêem algumas coisas”.⁴⁸

A família conjugal tem relativa importância nas sociedades africanas,⁴⁹ o que remete a uma herança cultural responsável pela tradição dos “tratos ilícitos” nas Minas Gerais do século XVIII. Na maior parte da África, a terra era coletiva e não necessitava ser conservada na família por meio de uniões monogâmicas.⁵⁰ Mas havia a tendência entre os africanos desenraizados de estabelecer uniões consensuais, grupos de parentesco e redes informais de amigos.⁵¹ A reorganização da vida comunitária baseava-se em laços de parentesco e solidariedade que substituíam as extensas linhagens africanas.⁵² As relações matrifocais davam maior estabilidade aos grupos familiares. Fogos mais numerosos ou que contavam com relações de convívio e vizinhança ofereciam melhores condições de sobrevivência.⁵³ As africanas e suas descendentes crioulas e mulatas constituíam a maioria do contingente feminino que vivia fora das uniões sacramentadas. Herdeiras de tradições culturais específicas, as libertas tinham um modo peculiar de se relacionar com companheiros e parentes, vivenciando relações de gênero endogâmicas, poligâmicas ou monogâmicas e transformando-se no centro da estrutura familiar. Para as forras viver em concubinato representava uma valorização de tradições familiares matrifocais com origens africanas matrilineares.⁵⁴ Os costumes que escandalizavam a Igreja eram reminiscências de valores culturais

⁴⁶ PRIORE, op. cit., 1992. p. 22-23.

⁴⁷ AEAM - Devassas, 1753. fl. 67.

⁴⁸ Idem. fl. 139-155v.

⁴⁹ SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Brasil-Sudeste, século XIX. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2011.

⁵⁰ PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato Pinto. *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 13.

⁵¹ SLENES, op. cit.

⁵² SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC, 2007. p. 23.

⁵³ DIAS, op. cit., 1995. p. 192-204.

⁵⁴ NETTO, op. cit.

africanos, evidências do poder que tinham na África.⁵⁵ Os iorubás cultuavam as forças femininas do cosmos, que retornavam para o bem da comunidade por meio do poder inato das mulheres. “Os rituais valorizavam a crença no extraordinário poder feminino, mais forte do que o dos ancestrais”.⁵⁶ Quase todas as sociedades africanas se estruturam em torno da família concebida como “grupo de parentesco que traça sua origem a partir de ancestrais comuns”.⁵⁷ As africanas dividiam-se principalmente em dois grupos: as Minas formavam as Fanti-Ashanti e as Angolas, Benguelas e Congolas pertenciam ao grupo Bantu.⁵⁸ Em ambos os grupos “a descendência é traçada de uma ancestral original ou de uma série de ancestrais femininas conhecidas como as ‘mães’ da linhagem ou do clã”,⁵⁹ prática que pode ser considerada o passado histórico dos lares matrifocais nas Minas, formados por negras e mulatas com suas mães, filhas e filhos, irmãs, madrinhas, comadres, afilhados e “crias”.⁶⁰ Mulheres chefes de família possuíam “prestígio social” e “mantinham laços de dependência mútua e de solidariedade no meio em que viviam”, e mesmo com filhos homens eram reconhecidas como líderes de seus⁶¹ domicílios:

Antônia Nunes tem umas filhas [...] mal-procedidas, admitindo homens em casa para fins torpes e desonestos, estando a mãe em casa, não lhes proíbe estes desaforos, [...] tendo dois filhos [...], um chamado José e o outro Manuel, estes são amancebados, o José com uma parda forra e o Manuel com uma bastarda Margarida, as quais estão na mesma casa morando com a dona Antônia Nunes.⁶²

Em muitas sociedades africanas, rituais de iniciação transmitiam os mistérios e segredos dos prazeres do sexo. Não havia uma estigmatização social da “promiscuidade”, um conceito cristão e ocidental. Existia uma certa “liberdade sexual” e os filhos das relações livres não eram marginalizados, eram integrados nas estruturas familiares e de parentesco. Mesmo em casos de uniões informais estáveis, semelhantes a “casamentos”, a existência de laços duradouros não impedia a procura de novos parceiros. Havia “uma distinção entre as obrigações comunitárias de casamento e os desejos carnis individuais”. A “honra” de uma mulher não era ofuscada pela variedade de seus amores, desde que reconhecesse o marido ou concubino como amante principal. Nas Minas setecentistas, a mo-

⁵⁵ FURTADO, Júnia Ferreira. As mulheres nas Minas do ouro e dos diamantes. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). *As Minas Setecentistas 2*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 495.

⁵⁶ PRIORE; VENÂNCIO, op. cit., p. 129.

⁵⁷ SLENES, op. cit.

⁵⁸ RAMOS, Arthur. *As culturas negras no Novo Mundo*. 3. ed. São Paulo: INL; MEC; Brasiliense, 1979. p. 186.

⁵⁹ RICHARDS, Audrey. Some Types of Family Structure amongst the Central Bantu. In: RADCLIFFE-BROWN, A. R.; FORDE, Daryll (Coords.). *African Systems of Kinship and Marriage*. London: Oxford University Press, 1950. p. 207.

⁶⁰ OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. *O liberto: o seu mundo e os outros; Salvador, 1790/1890*. São Paulo: Corrupio/CNPq, 1988. p. 70.

⁶¹ CUNHA, Jorge Rodrigo da. *Domicílio: locus de ação e participação feminina (Vila de São José – 1795-1831)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2010. p. 46.

⁶² AEAM - Devassas, 1753. fl. 71.

nogamia sexual nem sempre era praticada e o significado cristão do casamento foi transformado por uma variedade de acordos que revelam concepções mais flexíveis sobre sexualidade, parentesco e família. O código moral cristão não era um referencial rígido.⁶³ Parecem ser essas tradições que marcaram a vida da negra forra Maria da Costa, que possuía vários amásios e “vivia escandalosamente usando mal de seu corpo com todo homem que se lhe oferece, especialmente com Sebastião, oficial de ferrador, que vivia meio apartado dela”. Maria da Costa envolvia-se constantemente em brigas com o seu concubino preferido por exercer o meretrício, sendo que em certa ocasião “se descompuseram de palavras e pancadas por ciúmes e que do modo de viver da dita têm resultado várias ruínas e mortes”.⁶⁴

Muitas mulheres preteriam o “casamento cristão” em favor de acordos com origem cultural marcadamente africana, o que não impedia a eventual existência de laços duradouros. Estabeleciam relações de parentesco culturalmente sancionadas por suas comunidades e não pela Igreja Católica. Devido ao desequilíbrio numérico entre os sexos, com certa ausência de mulheres, era comum que essas atraíssem a atenção de mais de um homem, estabelecendo relações poligâmicas que eram um desafio às normas ocidentais.⁶⁵ Antônio Gonçalves foi denunciado devido à relação amorosa com Teodósia bastarda, meretriz que também era concubinada com o pardo forro Francisco.⁶⁶ As meretrizes das Minas Gerais do século XVIII tinham vários amásios, situação que gerava brigas sérias. Bernarda “se dá aos homens que a procuram, motivando discórdia” entre eles.⁶⁷ A escrava Tereza, amancebada com o marchante Luiz Pereira Coelho, mantinha uma relação turbulenta com Domingos Delgado Franco, que “chegou a lhe castigar”.⁶⁸ A cabra Antônia era “dada a todo o gênero de vícios por razão da qual têm sucedido grandes distúrbios” no arraial.⁶⁹ Os ciúmes e a “desordem” resultantes da infidelidade feminina sugerem a resistência das mulheres de origem africana em adotar a monogamia cristã, pois as redes de parentesco decorrentes das relações concubinárias e ilícitas eram a essência da vida comunitária, revelando estruturas familiares extensivas que transmitiam tradições culturais africanas. Parceiros únicos ou múltiplos, relações temporárias ou estáveis, eram destinados a formar amplas unidades de parentesco.⁷⁰

O celibato, o abandono de maridos, a constituição de ligações transitórias e relações concubinárias congregavam inúmeras mulheres na vivência de uma religiosidade popular, propiciando uma interação social mais ativa no universo público, principalmente nas festas populares e manifestações religiosas. Optava-se por um modo de viver afro-

⁶³ SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

⁶⁴ AEAM - Devassas, 1747-48. fl. 31-31v-32-32v.

⁶⁵ SWEET, op. cit.

⁶⁶ AEAM - Devassas, 1753. fl. 71.

⁶⁷ Idem. fl. 139v.

⁶⁸ AEAM - Devassas, 1737-38. fl. 15v-17.

⁶⁹ AEAM - Devassas, 1756-57. fl. 82.

⁷⁰ SWEET, op. cit.

brasileiro, que garantia a salvação do espírito e ao mesmo tempo possibilitava a vivência de prazeres mundanos. Muitas devotas libertas, casadas e solteiras, transgrediam a moral cristã como no tempo do cativo, apesar da suposta obediência aos preceitos católicos.⁷¹ As primas libertas Mariana, Narcisa e Rosa, conhecidas como meretrizes “públicas e escandalosas”,⁷² criaram redes de resistência e convivência cultural a partir de relações de solidariedade e parentesco. Inácia e duas forras que com ela moravam recebiam homens e mulheres, quando ficavam com “descantes de viola”.⁷³ Espaços de sociabilidade feminina, esses locais foram propícios para a constituição de fortes laços associativos entre mulheres pobres. A mulata forra Rosa Pereira da Costa dava casa de alcouce, “em forma que nela se ajuntam todas as noites quase todas as mulheres-damas que há neste arraial e quantidade de homens de toda qualidade, e na dita casa estão todas as noites até fora de horas conversando [...], fazendo saraus e galhofas”.⁷⁴

Mas uma cultura feminina de resistência baseada na sedução não foi vivida somente por mulheres de origem africana. Crescia na retaguarda do povoamento, em vilas de homens “ausentes”, uma população feminina ao mesmo tempo perseguida e protegida pelos poderosos, que integrava relações de dominação e laços de vizinhança, constituindo uma intensa rede de relações pessoais, proteção e compadrio.⁷⁵ Os filhos de mulheres pobres dos centros urbanos e mineradores eram frutos de relações concubinárias, pois aos homens era exigida a migração para sustentar-se. Atraídos pela busca de riquezas e negócios que permeou o século XVIII mineiro, passageiros viram-se propensos às transgressões sexuais fomentadas pelo intenso fluxo populacional. A consequência, para as mulheres casadas ou solteiras, é que todas se viam como chefes de seus fogos.⁷⁶

Bárbara da Costa, quarenta anos, era uma dessas mulheres de maridos “ausentes”. Ofertante no largo da “Igreja Grande” em Sabará, a portuguesa foi denunciada em 1738 por entregar sua filha, a formosa Joana, ao ouvidor geral da Comarca do Rio das Velhas, José Telles da Silva. De acordo com o boato que corria em Sabará, o mercador Gregório Freyre montara um complicado esquema para conduzir uma misteriosa mulher de madrugada a umas casas próximas ao terreiro da Igreja Matriz para assistir a “festas em que se correram touros”, donde se recolhia para a casa do ouvidor acompanhada de negros. Várias pessoas na vila comentaram a passagem da mulher a cavalo envolta em um manto negro. Dizia-se que era a filha de Bárbara da Costa. Chamada à mesa da devassa, Bárbara negou a acusação, dizendo que “sua filha era menina e honrada” e que a concubina do ouvidor era Joana Vitória, “meretriz pública” que pela sua dissolução foi expulsa da vila pelo vigário da Vara Eclesiástica, mas que há tempos vivia com o ouvidor “de portas a-

⁷¹ PAIVA, op. cit., p. 147-148-150.

⁷² AEAM - Devassas, 1753. fl. 138v.

⁷³ AEAM - Devassas, 1733. fl. 70v.

⁷⁴ AEAM - Devassas, 1734. fl. 73v-74v-75.

⁷⁵ DIAS, op. cit., 1995.

⁷⁶ PRIORE, op. cit., 2009. p. 46-57-58.

dentro”.⁷⁷ O testemunho de Bárbara subverteu duplamente o mecanismo de funcionamento das devassas eclesiásticas. Por ser mulher em um contexto em que somente os homens eram convocados para prestar depoimento e por ser chamada a depor como “testemunha referida”, já que as devassas eram processos secretos, onde as denúncias eram a razão de ser das visitas, com o acusado comparecendo à mesa apenas para assinar o termo de culpa e ser admoestado pelo visitador.

As “formosas sem dotes”, brancas pobres que viviam em uniões consensuais, também tiveram uma significativa atuação na inversão estratégica das relações de força ao criarem alternativas para um discurso social que excluía aquelas que não tinham função definida no que se refere à transmissão de poderes, privilégios e à reprodução da cultura patriarcal misógina. Por não se enquadrarem em padrões inatingíveis de *status*, viviam em discretas uniões consensuais e eram mais valorizadas do que negras e mulatas por se enquadrarem no machismo lusitano com seus ideais de pureza feminina. Brancas pobres, que não se vestiam tão ricamente com sedas quanto algumas escravas, “mal podiam aparecer à luz do dia”. A “pobreza recolhida” de mulheres que andavam às escondidas após as “ave-marias” envoltas em mantos negros representava papéis sociais difíceis de serem mantidos por moças pobres, sem dotes, que não se casavam. Reversão simbólica dos valores cristãos tradicionais dos meios senhoriais resultante de uma política contra a mestiçagem que reservava às brancas de elite um papel funcional na preservação das relações de poder. Daí as denúncias ambíguas do “mal viver” daquelas que se envolviam em andanças noturnas clandestinas e furtivas.⁷⁸

As devassas eram destinadas a reforçar os papéis de mulheres brancas como transmissoras da propriedade e dos símbolos de ascendência colonizadora. Em Minas, onde no início do processo de colonização registra-se a efetiva falta de brancas, com o desequilíbrio numérico entre os sexos atingindo níveis altíssimos, houve uma valorização social da mulher portuguesa com sua “limpeza de sangue”, mediadora do processo de povoamento. Era uma política de integração de moças brancas no processo de colonização, que se transformavam no ideal de homens que se aproveitavam daquelas que saíam misteriosamente à noite envoltas em mantos. Esse excedente de brancas sem dotes, em um contexto onde a principal função do casamento era a manutenção do poder e do patrimônio de ricos senhores de escravos,⁷⁹ tornava-se objeto de desejo daqueles que sucumbiam diante das idealizações produzidas pelo discurso patriarcal. O ouvidor José Telles da Silva enquadra-se dentro desse padrão, pois possuía uma legião de alcoviteiros para “solicitar” moças brancas para “tratos ilícitos”. Entre os seus alvos estavam solteiras de trinta anos como Isabel da Encarnação, vizinha de Bárbara da Costa. Em seu depoimento, Isabel relatou que o ouvidor lhe havia convidado para assistir a umas comédias encenadas à noite

⁷⁷ AEAM - Devassas, 1737-38. fl. 42 a 46.

⁷⁸ DIAS, Maria Odila da Silva. O Mito da Dona Ausente. In: *Quotidiano e Poder: em São Paulo no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

⁷⁹ Idem.

em sua casa, mas ela não havia aceitado. Disse ainda, que viu Bárbara conversando com Gregório Freyre, alcoviteiro do ouvidor. Em represália às acusações da “amiga”, Bárbara disse que quem “tratava ilícitamente” com José Telles da Silva era Isabel da Encarnação, pois vira esta engomando a roupa do ouvidor num dia em que fora até sua casa. Esse caso lança luzes sobre as relações femininas nas Minas, demonstrando que o impacto causado pelas devassas eclesiásticas nas comunidades mineiras era suficientemente forte para romper as redes de auxílio mútuo estabelecidas no cotidiano. Entretanto, não cabe aqui desvendar se a donzela Joana era a misteriosa mulher a cavalo. Mas a irreverência de Bárbara não ficaria impune, pois ela foi pronunciada pelo concubinato com Manuel da Costa Vianna, um mercador de vinte e oito anos, que talvez por acaso fosse amigo de Gregório Freyre.⁸⁰ Certas brancas pobres atuaram intensamente na construção de uma tradição cultural feminina de resistência fundamentada na sedução, subvertendo radicalmente a própria ordem social cristã através da transgressão e do “pecado”.

Referências

CUNHA, Jorge Rodrigo da. *Domicílio: locus de ação e participação feminina* (Vila de São José – 1795-1831). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2010.

DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e Poder: em São Paulo no século XIX*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Nas Fímbrias da Escravidão Urbana: negras de tabuleiro e de ganho. *Estudos Econômicos*, São Paulo, IPE-USP, v. 15, n. especial, p. 89-109, 1985.

FARIA, Sheila. *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial* (sudeste, século XVIII). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FIGUEIREDO, Luciano; SOUSA, Ricardo Martins de. Segredos de Mariana: pesquisando a Inquisição mineira. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul./dez. 1987.

FIGUEIREDO, Luciano; MAGALDI, Ana Maria. Comércio Feminino e Tensão Social. In: FIGUEIREDO, Luciano. *O Averso da Memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

FIGUEIREDO, Luciano. *Barrocas Famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

⁸⁰ AEAM - Devassas, 1737-38. fl. 43 a 56.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. As mulheres nas Minas do ouro e dos diamantes. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). *As Minas Setecentistas 2*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

LONDOÑO, Fernando Torres. El Concubinato y la Iglesia en el Brasil Colonial. *Cadernos CEDHAL*, São Paulo, USP, n. 2, 1988.

LOPES, Eliane Cristina. "Tratar-se como casados e procriar": concubinato, campo fértil da bastardia. *Série Seminários Internos*, São Paulo, CEDHAL/USP, n. 1, 1996.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MOTT, Luiz. *Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

NETTO, Rangel Cerceau. A família ao avesso: "o viver de portas adentro" na Comarca do Rio das Velhas no século XVIII. *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*, ano V, v. 5, n. 3, jul./ago./set. 2008. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol16rangelnetto.php>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

PAIVA, Eduardo França. *Escravos e Libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos*. 3. ed. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFMG, 2009.

PRIORE, Mary Del. *A Mulher na História do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

_____. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. *O liberto: o seu mundo e os outros; Salvador, 1790/1890*. São Paulo: Corrupio/CNPq, 1988.

PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato Pinto. *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 13.

RAMOS, Arthur. *As culturas negras no Novo Mundo*. 3. ed. São Paulo: INL; MEC; Brasiliana, 1979.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de; JANUÁRIO, Mayara Amanda; TURCHETTI, Natália Gomes. De jure sacro: a Inquisição nas vilas d'El Rei. *Varia Historia*, Belo Horizonte, UFMG, v. 27, n. 45, p. 339-359, jan./jun. 2011.

RICHARDS, Audrey. Some Types of Family Structure amongst the Central Bantu. In: RADCLIFFE-BROWN, A. R.; FORDE, Daryll (Coords.). *African Systems of Kinship and Marriage*. London: Oxford University Press, 1950.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil- Sudeste, século XIX*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2011.

SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: NOVAIS, Fernando A.; MELLO E SOUZA, Laura de (Orgs.). *História da vida privada no Brasil I: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VILLALTA, Luiz Carlos. *“A torpeza diversificada dos vícios”*: celibato, concubinato e casamento no mundo dos letrados de Minas Gerais (1748-1801). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

Fontes Primárias

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM

Devassas: 1733, 1734, 1737-38, 1747-48, 1750-53, 1753, 1756-57, 1762-69, 1767-77.